

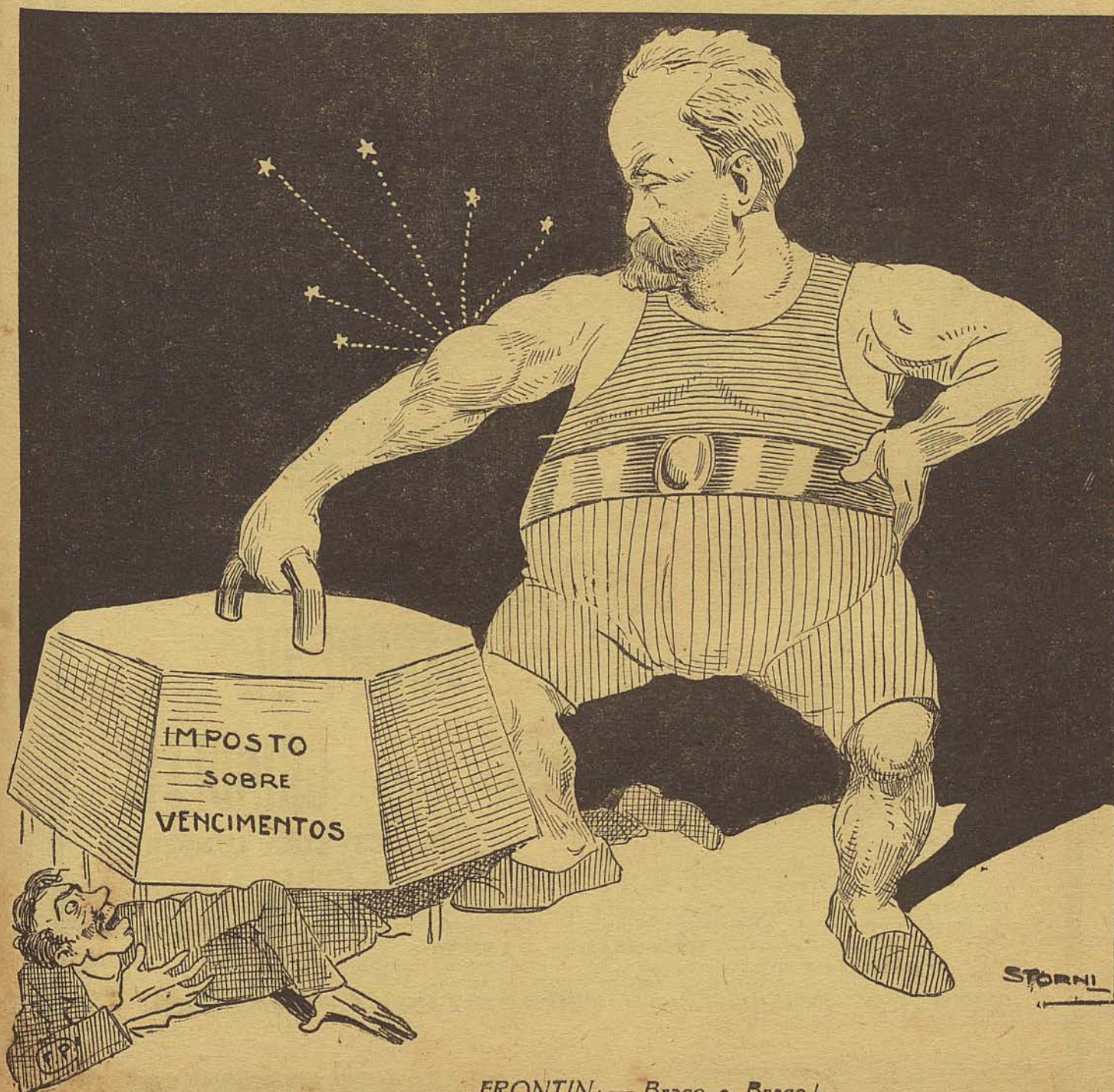


Numero 14 do Anno I

Rio de Janeiro, 15 de Agosto de 1917

D. Quixote

TRABALHO DE HERCULES



FRONTIN: — Braço e Braço!

D. QUIXOTE

GRINDELIA OLIVEIRA JUNIOR



Aos que Tossem Aos que Soffrem

Em tres dias a tosse dissipa-se com o uso do

XAROPE DE GRINDELIA

De OLIVEIRA JUNIOR

A TOSSE E A TUBERCULOSE

De todas as enfermidades que mais damnos e maior numero de vidas sacrifica diariamente é, sem duvida, a tuberculose, e isso devido ao descuido e pouco caso que commumente ligamos aos

RESFRIADOS E TOSSES

que sempre julgamos um mal passageiro, de pouca ou nenhuma importancia, sem pensarmos nas suas terriveis consequencias.

PREÇO 2\$000 — Depositarios: **ARAUJO FREITAS** & C. — Rio de Janeiro



SEMANARIO DE GRAÇA... POR 200 RS. Rio, 15 de Agosto de 1917

— AS QUARTAS-FEIRAS —

DIRECÇÃO DE D. XIQUOTE

Officinas e Escriptorio (Provisorio)

30, RUA D. MANOEL, 30
CAIXA POSTAL 447

Toda a correspondencia e pedidos de assignatura devem ser dirigidos a LUIZ PASTORINO, director-gerente.

Telephone: Central Quatro - Tres - Dois - Sete

— AVULSO —

ASSIGNATURAS PARA TODO O BRAZIL

Capital 200 rs. - Estados 300 rs.

Anno 10\$000 - Semestre 6\$000

Numeros Atrazados 300 reis

EXPEDIENTE

São nossos agentes no interior para venda avulsa e assignaturas:

- AMAZONAS — MANAOS — José Martins & Irmão.
 PARA — BELEM — José Martins & Irmão.
 MARANHÃO — S. LUIZ — Philomeno Tavares & Comp.
 " " Ramos d'Almeida & Comp.
 PIAUHY — THEREZINA — A. Carvalho & Comp.
 CEARA — FORTALEZA — Francisco Barboza.
 " " Luiz Severiano Ribeiro.
 RIO GRANDE DO NORTE — NATAL — Fortunato Aranha.
 PARAHYBA — PARAHYBA — F. C. Baptista & Irmão.
 PERNAMBUCO — RECIFE — Sciammarella & Santoro.
 ALAGOAS — MACEIO — Ribeiro Granja & Filhos.
 " " JARAGUÁ — L. Lavenère.
 SERGIPE — ARACAJU — José Barteto de Mesquita.
 BAHIA — S. SALVADOR — Almeida & Irmão.
 " " BELMONTE — C. Pereira Leite.
 ESPIRITO SANTO — VICTORIA — Paschoal Sciammarella.
 " " S. MIGUEL DO VEADO — Luiz de Oliveira.
 ESTADO DO RIO — ENTRE RIOS — Domingos Palmieri.
 " " " PARAHYBA DO SUL — Vicente Bertone.
 " " " BARRA DO PIRAHY — Caruso & Zappa.
 " " " CAMPOS — Vicente Sant'Anna.
 " " " VALENÇA — Senhorita Maria de Lourdes.
 " " " CAMPOS ELYSEOS REZENDE — Silverio Cataldo.
 " " " CABO-FRIO — Aspino da Silva.
 SÃO PAULO — CAPITAL — Antonio De Maria — Rua Boa Vista, 3.
 " " SANTOS — José de Paiva Magalhães. — R. S. Antonio, 3.
 " " TAUBATÉ — Nicoláo Panno.
 " " LIMEIRA — José Durse.
 " " IGUAPE — Luiz Pires.
 PARANA — CURYTIABA — Leopoldino Rocha.
 SANTA CATHARINA — FLORIANOPOLIS — Gil Amadeu Bech.
 RIO GRANDE DO SUL — PORTO-ALEGRE — L. P. Barcellos & Comp.
 " " PELotas — Echenique & Comp.
 MINAS — BELLO-HORIZONTE — Giacomo Alluotto & Irmão — R. Bahia, 860.
 " " JUIZ DE FORA — M. Campos — Rua Halfeld, 793.
 " " SÃO PAULO MURIAÉ — Plínio Tavares.
 " " CAMBUQUIRA — Francisco Almeida.
 " " ESTAÇÃO DA SOLEDADE — Fernando Canedo.
 " " UBA — Dias & Comp.
 " " CAXAMBÚ — M. Caminha.
 " " SITIO — D. Zulmira Berger.
 " " AGUAS VIRTUOSAS — Granja & Canedo.
 " " LAFAYETTE — Juvenil Meirelles & Filho.
 " " S. JOÃO D'EL-REY — Armando B. da Cunha — R. M. Cesar, 16.
 " " OURO PRETO — Luiz Fontana — Rua Tiradentes, 32.
 " " BARBACENA — Abilio Martins.
 " " CATAGUAZES — Fenelon Barbosa.
 " " QUELUZ — Juvenil Meirelles & Irmão.
 " " PALMYRA — José da Cunha Carvalho.
 " " LAVRAS — José Fabrino do Amaral.
 GOYAZ — GOYAZ — D. Jacintha L. do Couto B. Peixoto.
 MATTO-GROSSO — CORUMBÁ — João Antonio Esteves.

Moral do seculo e da cidade

O PARADOXO DA ELEGANCIA

Uma sala de baile. Notas quentes de musica; perfumes quentes de collos; inunção de luz.

Entro, enfiado, duplamente enfiado, numa lustrosa casaca de tres lustros.

Derramo o olhar pelo salão fulgurante, cumprimento a esmo, sem ver ninguem, tanto me offusca a luz crúa das lampadas; e pósto-me á janella, de onde se vê o luar de leite derramar-se sobre o morro coberto de flores que não se vêm, porque a distancia é grande.

Emquanto toda gente dança ou flirta e alguns accumulam, eu me deixo ficar, philosophando como um velho moralista imbecil.

Que vieram fazer aqui estas damas de collos nus, de braços nus, de espaduas nuas? Vieram na certeza de que elles seriam vistas, pois não é isso um baile de cegos.

As suas *toilettes* constituem um systema de equações de muitas incognitas e muitos variaveis; cada uma dessas «encantadoras» tomou a solução que bem lhe apeteceu. Ha, porém, um coefficiente constante nestas equações: o decote.

Não foi a falta de estofa, ou a contragosto, ou por distração que as damas deixaram de cobrir tão vasta superficie da epiderme rosea e moça; não: foi pensadamente, reflectidamente.

Cada um destes vestidos é o resultado de uma longa elaboração que começou por um chinez, creador de bicho de seda e veio terminar na modista franceza que o confeccionou com abundancia de arte e sobriedade de fazenda.

Esses collos, esses braços, essas espaduas aqui vieram assim despidos porque as donas quizeram que elles fossem vistos; sem o que haveria um remedio facil e seria cobril-os.

A vaidade da mulher apraz julgarmos bello tudo o que lhes pertence; ora o julgamento da belleza plastica faz-se pelo olhar e tanto mais intensamente se olha quanto mais se julga a belleza bella.

Só ha, pois, motivos para que a dona do collo se sinta feliz e lisonjeada se um olhar penetrante o devora insistente.

Mas as mulheres são paradoxaes como o é a moral do seculo.

O homem que se atreve a olhar demoradamente as áreas de pelle que a moda desnudou e que aqui estão expostas é, pelo menos, um impertinente e um malcreado.

Se a dona é casada, o marido que approvou a amplitude do decote e o acompanhou ao baile para que elle tentasse e deslumbra-se o direito de quebrar as costellas ao atrevido que, tentado e deslumbado, ficou de olhos presos á deslumbrante tentação.

* * *

Perdão, minhas senhoras, a vossa pudicicia é absurda, é despropositada.

Se desnudaes o collo é para que elle seja mirado e remirado.

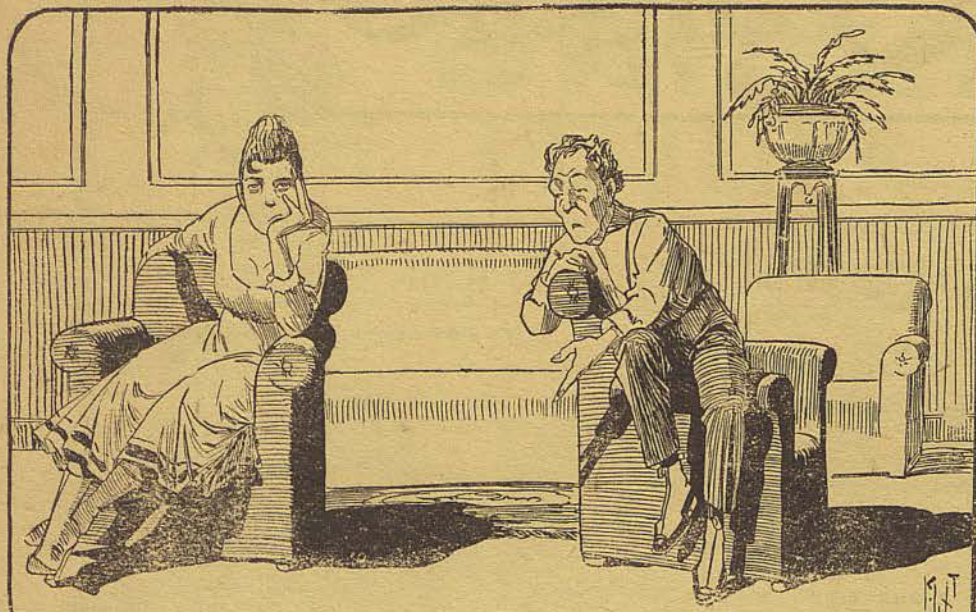
Nem ha menor impertinencia no cavalheiro galante que, assestando o monoculo, examinal-o bem de perto e vos disser uma palavra velludosa sobre certa veia azulada ou certo *grain de beaufé* que haja nelle divisado.

Sorride satisfeita e *coquette*: esse *gentilhuomo* está prestando á vossa semi-nudez a homenagem que ella veio provocar.

João Ninguem.

D. QUIXOTE

E' um homem morto



— Eu sei minha amiga... Isso não pode continuar assim; sei mas, espera um pouco: não podemos morrer juntos... deixa que eu melhore um pouco de situação, depois sim, um de nós pode suicidar-se primeiro e o outro depois...

— Queres cavar a nossa desgraça!? Não vês que os enterros estão pela hora da morte? !...

“A palavra é de prata mas o silêncio é de platina”

Numa mesinha do Alvear, ás cinco horas, tomavam o seu chá elegante, numa tarde destas, o Dr. Silva Araujo Filho e dois collegas. Quando ia mais animada a palestra que, fatalmente, não era sobre medicina (os medicos quando se reúnem fallam de tudo menos de assumptos medicos), o Dr. Silva Araujo, sentindo um pronunciado cheiro de iodoformio, não resistiu e disse pausadamente: «Quem será esse que teve a sinistra idéa

de vir a um logar chic como este, cheirando a iodoformio.» Immediatamente um cavalheiro, que estava numa mesa ao lado, um tanto perturbado e nervoso, respondeu: «Sou eu» e logo mostrou a mão envolta em um curativo que estava escondido em um lenço preto. Deante da attitude do «homem do iodoformio», o Dr. Silva Araujo bastante *encabulado* e confuso, não tendo o que dizer olhou os amigos que o acompanhavam e accrescentou quasi involuntariamente: «Pois eu na qualidade da especialista de

O *Imparcial* publica uma noticia com o titulo: *A carestia da vida no Senado.*

Si continuarem a insistir nessa tecla, o marechal Pifer apresentará brevemente mais um projecto augmentando mais uma vez o subsidio dos senadores e o soldo dos marechaes reformados.

Escolha um bom Collegio para educar as suas filhas.

O Collegio Sul Americano, á rua Haddock Lobo 253, ministra ás suas alumnas a mais cuidada instrucção, de accordo com os methodos da moderna pedagogia.

Prepara alumnas para admissão a qualquer anno da Escola Normal e para exames no Gymnasio Nacional.

Ensino theorico e pratico de linguas.

Admittem-se alumnos menores ate 10 annos.

Internato, semi-internato e externo. Telephone — Villa 460.

molestias da pelle, aconselho o cavalheiro a abandonar tal medicamento e substituil-o pelo oxido de zinco.»

Nesta occasião despedia-me do amigo que estava commigo numa outra meza proxima e assim não poude ver o ultimo acto do interessante incidente, mas estou daqui a jurar que o Dr. Silva Araujo Filho arranjou, dessa maneira originalissima talvez, um dos seus mais rendosos clientes.

Galeno.

Frei Thomaz

Faustoso templo: altares carregados
De custosas alfaias rebrilhantes;
Painéis, pilastras e festões doirados
Tem sob a luz uns vivos tons flammantes.

Em seus nichos, os santos auréolados
Estão de aureas corôas scintillantes,
E os grandes candelabros argentados
Sustentam grossos cirios fumegantes.

Em meio desse esplendido scenario,
Vestindo seda e rendas e ostentando
Joiás que o emblema são dos seus misteres,

Eis que surge no pulpito o vigario
E... começa um libello formidando
Contra o luxo e a vaidade das mulheres.

Fix (NÉO).

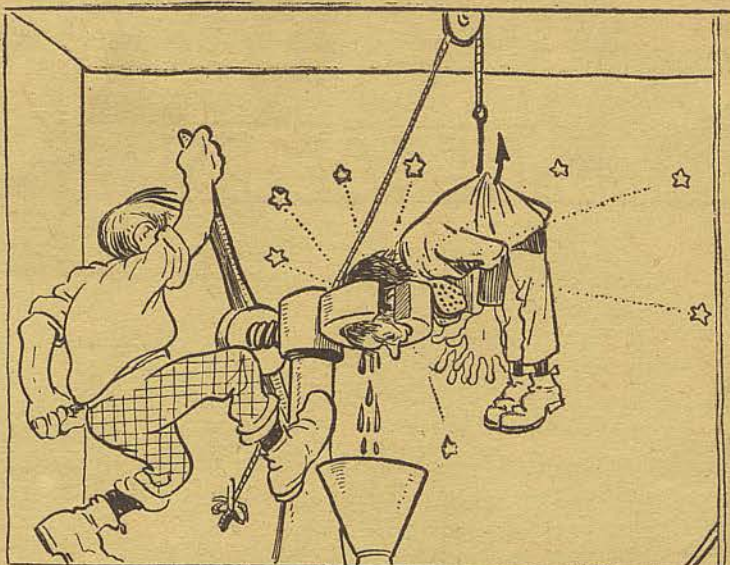
O deputado Ephigenio de Salles — o phantasma das costureiras — pretende que seja creado um imposto sobre linhas de costura.



O Sr. tem 80\$ por dia para fazer emendas; mas não sabe as linhas com que me cozo...

Aproveitamento do SUCCO intellectual

O processo é muito simples: Os artistas e literatos (nacionais de preferencia) devem-se sujeitar á simples operação de serem *espremidos* durante todo o tempo em que tiverem *succo*. Fimdo este, passam á condição de *bagaco* e são atirados a um lado, sendo substituidos por outros successivamente...



O talento, como se vê, não é aproveitado na sua essencia. E' misturado com outros ingredientes para ser fornecido ao grande publico. O empresario, director ou gerente da *geringonça*, enriquece rapidamente com este processo que sup- planta todos quantos têm sido postos em pratica até hoje.



O GRANDE PUBLICO



Telegramma da Americana:

«RECIFE, 10 (A. A.)—O *Jornal Pequeno* e a *Ordem*, transcrevem a entrevista que concedeu ahí á *A Rua*, o Dr. Pessoa de Queiroz».

A Americana é boa camarada. O Dr. Pessoa deu uma entrevista á *Rua*; ninguém fallou da entrevista; mas, no Recife, amigos do Dr. Pessoa, influenciados pelo mesmo, fizeram transcrever a entrevista; e a Americana fez vibrar os fios telegraphicos e gemer os prelos do Rio. Kamerade, muito kamerade, a Americana...para o Itamaraty.

—Da *Tribuna*:— «Não é pensamento do Sr. Prefeito obrigar os credores e fornecedores da Municipalidade a receberem as suas contas processadas em apolices.»

— Exactamente. O credor apresenta a conta; o Prefeito apresenta a apolice; si o credor acceitar, muito bem; si não quizer, não é obrigado. O Prefeito guarda a apolice e o credor guarda... o leito, que é logar quente.

E para os que ficarem com as apolices, ainda há um remedio: vendel-as, a peso, ás fabricas de papel.

O beneficio toca a todos



Vestir bem, com elegancia e a preço modico não constitue nenhum privilegio de classe.

A *Cooperativa Militar* vende tambem ao publico.

Qualquer cidadão pode adquirir os seus costumes optimamente talhados, a sua roupa branca, chapéos, calçado etc., na *Cooperativa*, por preços que não temem competição.



Capitolo da moda — Para uma mulher nada ha de maior importancia do que a moda.

Para o homem o que ha de importancia ainda maior são contos que da moda resultam.

A moda legisla; a mulher obedece; o marido submete-se, sob protesto.

— Não tenho nada o que vestir, disse outro dia Mme. Footing ao marido.

E este:

— Então você está rigorosamente na moda.

A moda é feminina. E admiram-se de que ella varie todas as estações!

Para a Bolivia, onde foi representar o governo brasileiro na posse do novo presidente da Republica, seguiu na semana atrazada o illustre Sr. Dr. Afranio de Mello Franco. Em companhia do brilhante deputado, seguiram, fazendo parte da Embaixada, todas as pessôas de sua exma. familia, os amigos de seus filhos e o seu cachorrinho «Tótó».

A cosinheira Felizarda ficou.

CANTARES... (Carlos Magalhães)

Tu de um lado e eu do outro
Passa um riacho no meio:
Tu de lá dás um suspiro,
Eu d'aqui dou um «margulho».

Mme. F. B. veio á cidade, sabbado ultimo, com um lindo chapéo enfeitado com duas azas de galinha. Ao passar o bonde em frente ao Municipal, nas proximidades da Escola Nacional de Bellas Artes, soprou uma ventania violenta da banda de «los rios», levando-lhe o poleiro da cabeça.

Madame regressou á casa com o chapéo completamente «aptero».

Nossa graciosa Ministra do Exterior esteve no ultimo sabbado, na Avenida, com um vestido *bleu-Joffre*.

Não se pôde dizer que seja uma côr neutra...

Até hoje ninguem havia encontrado justificação para a moda das unhas compridas. A gentilissima Sra. Emma Pola está, felizmente, dando a necessaria explicação, limpando a concha da sua linda orelha, ás quintas-feiras, no Alvear, com a rosea ponta do seu dedo indicador da mão esquerda.

Paulo Barreto, muito nervoso, explicava, sabbado ultimo, á porta de um cinema, a origem do seu beijo de gamella:

— Não é de raça. Não é de nascença. Eu era pequeno. Deste tamanho. Deram-me um birimbau. Comecei a tocar. Bum, bum, bum, bum. E o beijo foi crescendo. Crescendo. E fiquei assim.

E, nervoso, o barrigudo academico matou com o beijo inferior uma pequena mosca que lhe poisara irreverentemente na testa.

E' absolutamente infundada a noticia, maliciosamente espalhada, de que o Sr. desembargador Aaulpho de Paiva metterá o dedo no nariz quando tomava um chá elegante na Cavé.

— E' falso, — explicou-nos o gracioso academico, — quem metteu o dedo em meu nariz nem fui eu; foi o Dr. Gottuzo, na supposição de que houvesse penetrado alli um mosquito que estivesse me incomodando. Foi só, meu caro senhor.

Fique-se, pois, sabendo, que todo o resto da mentira é verdade.

Manual da boa dona de casa

Torta de sardinhas — Toma-se uma lata de sardinhas com tomates, e põe-se em uma frigideira com azeite doce ou de côco. Quando o azeite estiver estalando ao fogo, deitam-se por cima dois ovos convenientemente batidos. A sardinha assim preparada confunde-se, ás vezes, com a molestia de igual nome, por ocasionarem, uma e outra, grande coceira.

Para não molhar os pés — Ha muitas pessoas que não podem molhar os pés, e ás quaes a humidade causa graves incommodos. O melhor remedio para isso é não sahir de casa e ficar na cama embrulhado em logar em que não haja gotteira no telhado.

Cordão de collete — As damas elegantes são desagradavelmente surprehendidas, ás vezes, pelo fio do seu collete, que rebenta na occasião em que ellas se vestem para sahir. Em taes casos, deve-se substituir o cordão por outro novo, ou, na falta, reatar o cordão partido.

Mau cheiro nas axillas — Ha muitas senhôras que se queixam de um mau cheiro debaixo do braço, occasionado pelo suor. Evita-se esse mal do modo mais facil. Fricciona-se a axilla com vinagre, azeite e sal de cosinha e, em seguida, com um pouco de banha de porco purificada. Com esse processo consegue-se transformar o cheiro de torta de alhos em um suave perfume de carne guizada.

Mme. de La Poule.

O AÇAMBARCAMENTO DOS GENEROS



Os varejistas — A freguezia tem que pagar as migalhas a peso de ouro ; nós é que não vamos no prejuizo.

Perfis e trocadilhos burrocraticos

(MINISTERIO DA FAZENDA)

Dialogos dos tesouras do Thesouro :

— Então o Nuno Pinheiro passou de jurisconsulto a medico ?

— Como assim ?

— Elle era da Procuradoria e agora é da Receita.

— Deus queira que elle possa com isso fazer o seu patrimonio sem maior despeza.

— Depois do preenchimento da vaga de subdirector, não faltaram demonstraçoens de apreço ao Alei-

xo da Costa e Cunha, por parte dos seus collegas.

— E merecidas, porque em qualquer repartição para onde o atirem, o Aleixo não se perde e torna-se logo uma influencia.

— De fórma que onde o Aleixo dá a costa...

— E' cunha.

— E' exacto que mandaram ao Professor Lago um parecer do Chrispim em que elle accentuou todo o a que lhe passou sob a penna demolidora ?

— E' exacto. A Borijejan, porém, affirma que são crises e que nessas crises elle ataca as crases.

— Cruzes!

Candidato imposto

— Então é verdade que o Bulhões, que já foi ministro da fazenda, pagou revalidação de sello na Recebedoria ?

— E' sim. E isso é suggestivo. Para mim, o esperto Bulhões está querendo revalidar a sua candidatura a ministro do Rodrigues Alves. Não achas ?

— Qual ! Para sel-o, Riva lida ha muito tempo.

— Que disse o Calogeras no caso da celebre traducção dada em circular ?

— O ministro chamou o homem, mostrou-se encrispado e passou-lhe um caroco.

— E o traductor ?

— Sahiu á franzeza, vermelho como uma das billes de billiard.

Assignadas por Dr. Paes de Oliveira recebemos as seguintes quadrinhas :

Tendo de casa sete annos,
O Nuno cahiu em graça.
Exclamam os veteranos :
Tudo fica e o Nuno passa !

Affirma o Nuno risonho :
Quem porfia mata caça.
Eu realizei o meu sonho :
Tudo fica e o Nuno passa !

Dizem todos no Thesouro :
Isto parece chalaça ;
Eis hoje o menino de ouro !
Tudo fica e o Nuno passa !

Gagueja o S. de Paiva,
Erguendo de aniz a taça :
Estou fumando de raiva.
Tudo fica e o Nuno passa !

Damnado, o Turibio Guerra
Contorce a velha carcassa,
Esbraveja, esmurra e berra :
Tudo fica e o Nuno passa !

O Doutor Chrispim se amua
E diz, deitando fumaça.
Vae-me até aos cornos... da lua
Tudo fica e o Nuno passa !

UM RAPAZ QUE HONRA A PAZ

Francisquinho Cordeiro é um bom rapaz
de natureza tão pacata e ordeira,
tão amigo da paz :

que ao lhe dizer o pai que escolhesse a carreira
para a qual se julgava mais capaz,
esta resposta deu

sem mais delongas: Eu
queria ser, papai, fabricante de pás !

Sem Chupança. (NEO)

D. QUIXOTE

De lança em riste...

Não devemos pagar com insultos, amabilidades prestadas.

Raríssimas vezes podemos insultar, definitivamente, um nosso semelhante. E' conveniente até, nunca o insultarmos, para conservar, ao menos, a nossa integridade physica; mas quando o quizermos fazer, sempre estejamos certos de que o insultado, tambem nos poderá pagar em moeda corrente, e muita vez, com troco em nickeis.

Essas considerações me occorreram, devido a ter presenciado uma grosseria de Mister John (todo inglez chama-se John) para com Herr Wilhelm (todo allemão dá por Wilhelm).

Encontrava-se Mister John, saboreando o seu costumado aperitivo, em uma das mezas de um bar, quando em um momento dado, á mesa ao lado, sentou-se Herr Wilhelm. Trocados os cumprimentos,—os dois se conheciam commercialmente,—ás folhas tantas o germanico Wilhelm, da sua meza, copo na mão, chama a attenção de John.

—Mister John, Mister John!

—Allô!

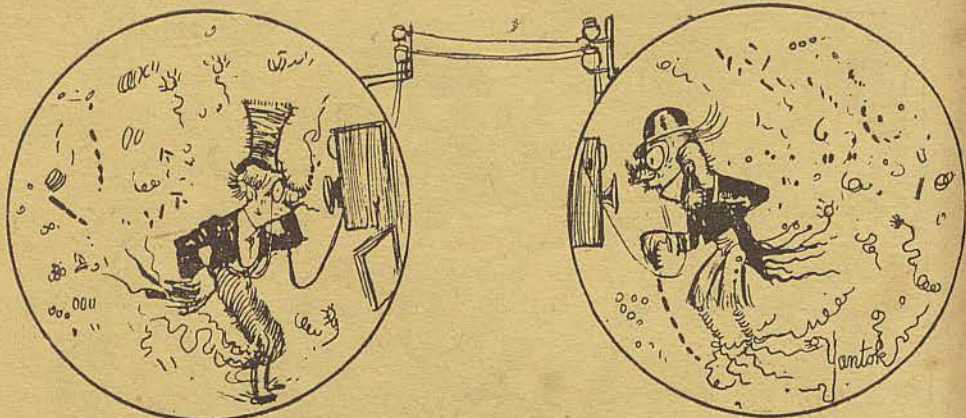
—Saúde de Jorge V.

—Obrigada. E o Mister, continúa fleugmaticamente a folhear sua «Rewiew».

Instantes passados, Herr Wilhelm, não obtendo resposta ao seu «speech», pela segunda vez brindou a Jorge V, e sómente obte-

Conversa telephonica entre dois bacillos de Kock

[SCENA AUGMENTADA DOIS MILHÕES DE VEZES]



—Estiveste, então, no baile de recepção da Embaixada dos Bacterios, realizado no pulmão de Fulano?

—Estive, mas houve muito pouca gente, apenas 5 milhões de bacillos.

ve os mesmos áridos: Allô e Obrigada.

Estava consummada a «grosserie» da parte do subdito de S. M. Britannica. Herr Wilhelm, vermelho como um presunto, fóra de si, exaltadissimo, pela terceira vez, desvia a attenção de John da sua «Rewiew».

—Mister John, Mister John.

—Allô...

—Saúde de kaiser.

Os olhinhos azues do inglez, brilharam, mais a bocca nada disse.

O germanico de pé, frente a frente, arriscou pausadamente;

—Saude de kaiser, mister John. Saúde de kaiser, mister John.

—... (Mudez profunda e calma do inglez).

—Ah! Mister! V. não quer pépêr saúde de kaiser, pois eu restitue saúde de Jorge.

E dizendo isso, colerico, frenetico, enfia os dedos na espaçosa guela, restituindo o conteúdo bebido, em honra de Jorge V.

Estava vingada a honra do kaiser.

Von Faber.

Epitaphio

Este na vida terrestre
Gozou de fama subida;
Teve o titulo de Mestre...

—Mas de que? — Mestre da vida!

Fix. (NEO)

CIRCULO VICIOSO

(PARODIA)

Para D. Xiquote

Vagando atôa, geme um simples vagabundo:

— «Quem me dera que fosse algum dia o Intendente
Que vota, no Conselho, o imposto sobre a gente»!...
Mas, o Intendente, egoista, exclama em tom profundo:

— «Se eu fosse Deputado... o quanto neste mundo,
Não seria feliz, folgando, a rir contente»!...
Suspira o Deputado: — «Eu quizera, somente,
A' Senador chegar, por meu genio fecundo»!...

O Senador, tambem por sua vez, anceia:
— «Se eu fosse Presidente... Eu cavaria a fundo
Para gastar abessa e andar de pança cheia»!...

No entanto, o Presidente, ás vezes, furibundo
Exclama, quando vê que a cousa é mesmo feia:
— «Porque não nasci eu, um simples vagabundo»?...

K. Lunga. (NEO)

VOLTA...

(Revendo a minha Dulcinéa)

Voltei!... Queria reviver, de outr'ora,
As santas alegrias nesta casa;
Meu Deus, que differença eu vejo agora,
A dôr em tudo espalma a funerea aza!...

Viril ao ver-me, della o rosto côra,
No impulso da vergonha que a atenaza;
Ella que era tão bella como a aurora,
Quando pulchra dos nimbos se extravasa!...

Nada pude falar sobre o passado;
Da bella de outros tempos a caveira
Só existia para o ser amado...

E fugi, rua afôra, como um louco,
Aos trambolhões descendo uma ladeira,
Qual si fosse redondo como um côco!...

Bello Horizonte.

A. S. (NEO)

A PAZ HONROSA



ELLE — Desde que eu não seja obrigado a descer da minha dignidade, aceito.

Mal-entendu

O Praxedes era negociante de gado.

Veio ao Rio a negócios e foi se hospedar na casa de um compadre. Este que tinha muitas filhas moças, preparava uma festa em que havia um pequeno concerto.

Estamos na sala de visitas do compadre. As moças discutem sobre os canticos da festa.

Em certa altura, uma dellas preparando um numero, diz:

— Fulana que tem boa voz sola e nós e as Secraninhas, faremos o côro.

O Praxedes que escutava a conversa, com ar de entendido, retruca:

— Deixem de historias, meninas. O couro é primeiro e pôde ser curtido por uma só, mas a sola para poder ficar boa, precisa ser batida. Acho melhor que vocês que são muitas, fiquem com a sola e dêem o couro para a coitada da outra.

Sic (NÉO).

O GIL

Não é nome de gente. E' nome de um jornal, *O Gil*, que se publica em S. Sebastião do Gil, municipio de Entre-Rios, Minas. Parece incrível, mas é verdade.

O Gil é um jornalzinho pequeninho, deste tamaninho. Não chega a ter um palmo de comprimento. Entre outras coisas a respeito da vida de S. Sebastião do Gil, publica uma pagina inteira, sob o titulo *Uma missa no Gil*, que transcrevemos, sem lhe alterar uma virgula:

« Quem conhecer o Gil nos dias de semana, fica abismado com uma transformação — num dia de missa. Desde o alvorecer nota-se um movimento bastante animado.

Os negociantes, ao contrario dos outros dias, abrem seus negocios cedinho arrumam as fazendas nas prateleiras, limpam as garrafas e concertam as torneiras dos pipotes da branca.

As carregadeiras d'agua tambem começam o serviço cedo, para terem tempo de arrumarem para missa. O sino alegremente repica e a igreja — abre-se de par em par. O reverendo vigario attende a uns e a outros, passeando para lá e para cá. As 9 horas começa a *defilê* dos cavalleiros, que chegam dos arredores, picando os machos e mostrando a bondade de seus animaes. As matronas acompanhadas de seus filhos mais velhos e creanças escarranchadas d'uma banda, de saias regaçadas chegam offegantes e dirigem-se para a igreja onde sentão no chão.

Ao signal da campainha todos correm pressurosos para assistir o Santo Sacrificio. Na hora da pratica muitos saem dévido o aperto e calor, pela grande massa de fleis. Alguns compadres em vez de escutarem a pratica aproveitam o ensejo

do encontro com o compadre para negociar uma vaca, ou um burro etc. Acabada a missa é hora do pessoal apreciar o domingo! As vendas ficam cheias e a *giribôca* funciona. Ditos chistosos saem de um lado e d'outro. As moças todas *up to date* passeiam na rua e os namorados offerecem-lhes roscas, broas e um gole. Na igreja as creancinhas recém-baptisadas choram, esperneiam, fazendo grande barulho. As 2 horas da tarde sae o tergo. O observador então aprecia um bello espectáculo. O povo em ala e em perfeito silencio desfila pausadamente. Os cantores do terço revelam suas boas vozes e as mulheres vão acompanhando na resposta.

Tudo isto illuminado por um sol brilhante; acariciado por uma suave brisa! O sino a repicar, os foguetes a estoirar no espaço!

Não ha panorama mais agradável! Fica-se em extases, contemplando o dedo de Deus e a devoção do povo. Acabado o tergo, homens e mulheres vão aos negocios comprar quitanda para os filhos, tomam mais uma esporada da branca e procuram alegremente os seus lares. De novo os cavalleiros montam em seus animaes, fazendo os mesmos saltar, virar nos pés, etc. e dizendo um adeus aos que ficam partem desabridamente.

Em pouco tempo o Gil vazio de novo. E' uma transformação subita. Fica-se então num torpor, numa melancolia sem igual. A rua torna-se completamente vazia, e a noite vem medonha e triste completar a solidão dos moradores da sede do Gil. Então de noite quando tudo está em profundo silencio, sente-se uma saudade infinda do dia que findou!...

Francamente, seu *Gil*, como M. Joubert, que fazia prosa sem o saber, você tambem é neo-humorista sem o querer. Sim, senhor, isso é que é graça. Graça é coisa que se tem mas não se compra...

MAIS NADA

Em pequeno não tiveste
Uma instrucção esmerada;
Porém depois que cresceste...
Não aprendeste mais nada.

Fix (NÉO).

A justiça tartaruga



— Mas doutor, o senhor me diz que a minha questão é uma questão ganha; mas quando receberei o dinheiro?... Olhe, sou casado, tenho dois filhos...

— Que idade têm?

— O mais velho já fez dois annos...

— Fique descansado; não lhe faltarão meios para educar os seus netos.

D. QUIXOTE



Honrados srs.

D. Quixote e Sancho Pança.

Não poderão jamais imaginar a dor d'alma com que li no ultimo numero do seu semanario, a troça feroz desencadeada sobre a memoria do seu illustre parente Felippe Alberto Patroni Martins Maciel Dito. (N. B. — Este *dito* embora não o seja, refere-se a Parente e não ao dr. Maximino *idem*).

Só a ignorancia crassa da genealogia dos grandes cavalheiros andantes, andantes ou parados isso não importa, e seus escudeiros, poderia permittir semelhante deboche a um dos maiores talentos literarios que até hoje produziu esta rica terrinha de Santa Cruz (Credo! Quia absurdum!).

Sabe lá o sr. D. Quixote quem foi esse seu Parente?

E o Sancho esse seu Patroni!

Então escutem lá: nasceu na cidade de Belem do Pará, ahi pelos annos de 1799. Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra. Foi magistrado; foi deputado; apresentou á Camara, entre outros, um projecto dividindo o Brazil em 72 provincias, projecto que, mandado ás commissões de estatística, divisão e administração civil, levou outro deputado, este maranhense como o nobre vice Urbano Santos e o não menos nobre deputado Luiz Domingues (o extintor do *bicho* no Maranhão) a lembrar por pura inveja, já se vê, que melhor seria envial-o á de Saude Publica.

Em 1848, mudou sua residencia para Portugal, inserindo então nos *apedidos* dos jornaes da epoca (Vid. Diarias do Rio) o seguinte annuncio que transcrevo *ipsis verbis*:

«O dr. Patroni muda-se para Lisboa levando consigo a familia, sua mulher e sua sogra, depois de pagar todas as dividas da casa. — O só fim desta mudança é promover lá, perante o Governo e as Côrtes, a prompta adopção do *Codigo Remunerativo do Reino de Portugal*, como unico meio de conciliar os partidos e fundar a paz interna do Paiz, pela sabedoria e justiça do Poder publico, amor do trabalho e sua recompensa, que é o principio inconcusso e solido da *Biblia do Justo Meio*, base unica da *Algebra Politica*, isto é, da escriptura physica e naturalmente sagrada, ou sciencia exacta da legislação e do governo, alta sciencia da organização social! Ora, a quem fez a *Biblia do Justo Meio* ou escreveu a *Algebra Politica*: a quem é o auctor de taes obras originalmente; a esse de certo, e não a outro, compete por dever de consciencia e honra de ir revelar os segredos da *Biblia*, os arcanos da escriptura, os mysterios da *Algebra* para honra de Deus e gloria eterna das nações e seus governos. O Christianismo é a sublime equação do *calculo do anno ma-*

gno. Aquelle que pretendesse negal-o não saberia entender o propheta Joel, citado expressamente por S. Pedro, nos *Actos dos Apostolos*, cap. 2, v. 20.: — O sol se conterá em trevas e a lua em sangue, *antequam veniat dies Domini magnus et manifestus*, antes que venha o grande e illustre dia do Senhor! — COROLLARIO: Declara pois o annunciante que está prompto a vender, aqui no Pará, alguns bens, escravos e casas, assim como os trocará talvez por quintas e terras sacramentaes de pão e vinho, em Portugal.

«Os escravos do fallecido João Antonio de Azevedo Quebra são bem conhecidos nesta cidade. Vender-se-á cada um delles conforme seu justo valor; na escala graduada de suas perfeições e defeitos, ou virtudes e vicios. Regra geral: *à vista*, um preço menor; *a prazos metade mais*, um terço a vista, dous terços a vencer o modico juro de oito por cento ao anno. Por exemplo: Manoel, cafuz; moço, carpinteiro habil, optimo pagem ou escudeiro, sem vicios, ganha *um mil réis* por dia. A' vista 1:000\$000 réis; a prazos 1:500\$000.»

«Maximo, preto furo, muito bom rapaz, sem vicios: á vista 700\$000; a prazos 1:050\$000.

«João e sua mulher Theophila, mulattos escuros. O marido é alfaiate soffrivel, mordomo ou escudeiro; dirige os outros com fidelidade e serve de casaca. A' vista 1:200\$000; a prazos 1:800\$000.

«Lauriana, preta mina, fura; grande carcassa da padeira de Aljubarrota, que, com a sua immensa colher de páo a mecher a panella de mingão de milho cosido e melação, dá merenda e almoço ao povo de Belem do Pará e, de noute, conta á sua senhora um jornal certissimo, de duas patacas por dia, todos os dias que Deus dá no anno, sem falhar nunca um Domingo. Seu filho Mauricio, de onze annos de idade, já sabe fiar para uma rede todos os mezes uma quarta de fio fino de algodão cada um dia e aprende o officio de carpinteiro, actualmente. Vendem-se juntos mãe e filho. A' vista..... 1:000\$000; a prazos 1:800\$000.

«Eusebia (Maria) preta, creoula, trinta e seis annos, sem filhos, viuva, sabe lavar, cosinhar, fiar algodão, vender na rua e secar arroz. Verdade seja que é uma formidavel beberona... mas a troco disso tem uma garganta d'anjo, o mais bello soprano do mundo, a voz da Catalani em uma palavra; e canta admiravelmente a *Salve Rainha* por cantochão. A' vista 600\$000; a prazos 900\$000 etc. etc. etc.»

Entre as muitas obras que deixou Patroni convem citadas (como dizia o dr. José Verissimo):

— Dissertação sobre o direito de cas-

soar que compete aos veteranos das academias — 1818.

— Panegyrico dedicado ao senhor D. João VI, pae da Patria e do seu seculo, modelo dos imperantes, rei melhor que optimo rei — 1823.

— Annuncio da proxima edição do Capitulo do Golgotha — Circular dirigida pelo doutor Patroni aos homens esclarecidos de todas as Nações e muito principalmente aos naturaes e habitantes da Russia, da Inglaterra, de Portugal, cujos governos formam a trindade Celeste do Anjo Architecto do Apocalypse — 1851.

— Projecto do Codigo Remunerativo do Reino de Portugal — 1851.

— Cartilha Imperial para uso do Senhor D. Pedro II, nas suas primeiras lições de litteratura e Sciencias Positivas — 1840.

— A Biblia do Justo Meio da Politica Moderada, ou prolegomenos do Direito Constitucional da Natureza, explicado pelas leis Physicas do mundo — 1835.

— Algebra politica — Analyse das differencias e das integraes das equações das moralidades, no quadro genealogico da organização social, por systemas, conforme a Biblia do Justo Meio — 1840.

— Exposição das Obras do sr. dr. Patroni para servir de segunda premissa ao grande raciocinio celeste da Sociedade Universal, (*ecclesia catholica* em grego e latim) na exposição physica de Londres, cuja consequencia e ultimo termo do mesmo raciocinio é, sem replica, a constituição formal do *Congresso da Paz* em Lisboa! Precisamente pelas regras scientificas das tres secções comicas da Biblia toda inteira, reduzida a uma só curva, *parabola do pastorado*, constituindo o reino de Deus, no Cap. 21 e ultimo do Evangelho de S. João — 1851.

— Specimen dos estudos biblicos do reino santificado, puro na fé com as promessas de Christo no Campo de Ourique, em principio commun da materia e fôrma dos livros que devem preceder a obra intitulada: «Antiloquio do catholicismo e união social de todos os povos da terra, para servir de preliminar scientifica á revelação dos profundos segredos da natureza e mysterios altissimos terrestres e celestes da politica e da religião na Carta Constitucional de D. Affonso Henriques, em Coimbra — 1865.

Então? E é a um homem destes que, si vivo fosse, estaria na Academia ou a escrever notas como o Catespero, que se trata com tamanha irreverencia porvia de uns versinhos innocentes em grego, latim, portuguez e tupy?

Ora, srs. D. Quixote e Sancho Pança, deem as mãos á palmatoria.

Ex-CAVADOR.

D. QUIXOTE

O PERIGO DO TROCADILHO



... E o garoto explicou:
Não é barulho não, seu policia. Foi o seu Bilac que passou por perto do Raul, do Dr. Bastos Tigre e dos outros e disse: «Nunca vi o Tigre de bengala.»

Resposta

de Père Kerman a
Sem Chupança.

Amigo meu, Sem Chupança,
Você parece creança,
Você parece fedelho,
Em tudo mette o bedelho.
Si os trez patacos não logra,
Fica você como sogra,
Mette a lingua em todo mundo
Oh! Sem Chupança iracundo.
A minha defesa faço
Sem pompas, estardalhaço
Vou buscal-a no «Mais duro»
(Mais uma vez faço um furo):

O que Kerman d'esta feita
Mandou p'ra ser publicado
Teve destino encrencado,
D. Quixote o não acceta.

Ao contrario Sem Chupança
Terá os seus por todos lidos
Vae ter os seus prometidos,
Aos cobres, firme, se lança.

«Do caso a moral tem graça
(Não fosse a graça — apanagio
Dos humoristas de raça) —:
Um frouxo de tudo zomba,
Penetra firme na praça,

Das graças o cofre arromba,
E os bodes terá sem agio.»
O outro, o que tem mais verve
(Isto de nada lhe serve)
Fica do lado de fóra,
— Sem graça — é chamado agora.

Père Kerman. (Néo)

A semana passada «O Paiz», velho órgão da imprensa carioca, foi victima de terrivel incendio, que quasi reduziu a cinzas o predio em que funcionava, na Avenida Central.

O caso já foi amplamente divulgado e commentado. A «Dom Quixote» cabe apenas o dever de apresentar ao collega, com os seus sentimentos pelo desastre, os seus votos para que elle faça como a Phenix: renasça das proprias cinzas.

A imagem é velha e muito surrada, mas ainda é a unica que convem ao caso.

Um philantropo



O mendigo — Uma esmolinha, por amor de Deus, ha tres dias que não como.

Philantropo — Coitado! Olha, tome estas pilulas antidispepticas, garanto-lhe que em pouco tempo volta-lhe o appetite.

De Bello Horizonte

Não ha aqui, em Bello Horizonte, quem não conheça o esdruxulo e irreprehensivel literatico Travassos. Esse Travassos publica diariamente seus travessos artigos num órgão local e, por isso, já houve quem dissesse que urge inevitavelmente uma reacção contra esse «neophito embryonario»; mas o que lhe é necessario é uma *ração* de philologia do sr. Carlos Góes, por exemplo, que é abalissado clinico em cousas grammaticaes. Eu vejo no Travassos um travesso literatiço; porém nos trocadilhos o *cabra* não é lá muito verde.

Sinão, vejamos: ha poucos dias, o *soi-dissant* literato assistia uma sessão do «Odeon». Desenvolaram-se na tela umas aventuras comicas e, em dado momento, houve lá um ponto em que um elevador se desprendeu das alturas, esmagando innumeros populares... na tela.

O Travassos, cá da platéa, levantando-se furioso, brada emphaticamente: «Isso não é fita comica, pois, até *eleva a dôr* do sentimento humano!»

Não ficam aqui as bellezas do Travassos. Temos mais. Uma *madama* descia calmamente a rua Bahia quando, descuidadamente deixa cair um numero do *D. Quixote*, que trazia na mão. O Travassos, que se achava, nesse momento, á porta do Alves, corre atraz e apanha o jornal, entregando-o á *madama*. Esta, por seu turno, quiz agradecer-lhe; porém elle retrucou, amavelmente: «*Madama*, amo-te! Supplico-te um *dom que enxote* dos meus bolsos essa *urucúba* em que me acho ha muito tempo, porque em Bello Horizonte o homem de letras lucha com difficuldades inauditas para viver.»

Esse Travassos foi aquelle que escreveu «ao chegar á *gare* da estação da Central, etc.», e creio que redigiu o letreiro da Confeitaria Nunes: «colloca-se botões, cordões de borracha, etc.»

Atys.

(Minas).

D. QUIXOTE

AULA DE INGLEZ



O professor — *Vamos repetir a lição. Se chego, voce diz: good morning, não é? Pois bem, quando me vou embora, o que diz você?*
Siquerinha (amolado) — *Ha mais tempo!!...*

A defeza do café

(A acção do "Cigano")

A angustia em que ficamos ao saber da deploravel situação financeira em que estava o rico Sr. Café de S. Paulo, inspirou-nos, em tumulto, idéas de toda a sorte para socorrer tão opulento senhor.

Viram os senhores como logo achamos nas nossas modestas algibeiras de pequenos jornalistas, dinheiro sufficiente para ir ao encontro de suas prementes necessidades e como a bondade da Irmã Paula pode conseguir em momentos uma importancia consideravel que minorasse as dificuldades financeiras do muito nacional emulo do banqueiro Law.

Estamos informados de que o nababesco Sr. Café de S. Paulo sofre de falta de numerario e nós, que usamos tambem desse euphemismo para designar a nossa "promptidão", sabemos perfeitamente que extranhos e doidos alvitres essa falta suggere. Pensa-se até no suicidio...

Lembramo-nos, por isso, de fazer, em favor do californiano Sr. Café de S. Paulo, aquillo que os bohemios e outros que não o são, fazem quando estão a *tinir*, isto é, tratamos de pedir dinheiro emprestado, de *morder*.

Acontecia, porém, que a nossa pratica nem officio ainda não é muito grande e convinha que algum mais sabido *agisse* como o caso pedia.

O Alazão, infelizmente, já não é mais do numero dos vivos e, só agora, os leitores, á vista das nossas atrapalhações para socorrer o potosico Sr. Café de S. Paulo, podem avaliar a falta que já faz tão interessante creatura.

Não ha quem faça falta, dizem; mas, em face do caso em questão, estão vendo que essa sentença não é verdadeira.

Alazão não deixou substituto, não fez escola e era difficil fazel-o. Elle era educado, instruido, tinha relações e familiaridade com os poderosos e, graças á pratica longa, conhecia mil e um modos de *morder*.

Tinha a arte e a sciencia da *facada*.

O abastado Sr. Café, porém, está em apertos dolorosos e não tinhamos tempo de escolher muito quem fosse agir por ahi, afim de trazer numerario ao aureo filho do estado de S. Paulo.

Escolhemos o "Cigano", um pobre homem que já foi official de justiça e perdeu o emprego por motivos que não vem a pello lembrar aqui.

"Cigano" diz-se discipulo do Alazão, mas não tem deste nem a instrucção nem a imaginação creadora na arte de *morder*. Digamos que é discipulo devido ao seguinte caso.

Estavamos na rua do Ouvidor, quando o Alazão acercou-se do nosso grupo.

Offereceu cigarros (era assim que elle começava) e ia encetar palestra, quando "Cigano" chegou tambem para o grupo. O mestre zangou-se e exclamou:

— Já vem este cigano *morder*!

"Cigano" não se zangou e respondeu calmamente:

— Está enganado. O que venho fazer é aprender com o senhor afim de ficar habilitado para mais tarde.

Pois foi ao "Cigano" que incumbimos de *morder*, em favor do golcondesco Sr. Café de S. Paulo. Elle organizou a lista e eis, della, alguns nomes:

Modesto Leal, Visconde de Moraes, Dr. Julio Ottoni, Senador Ribeiro Gonçalves, Dr. Paulo de Frontin, deputado Antonio Carlos, Ministro Calogeras, Gaffré, etc. etc.

No Domingo proximo, em favor do millionario Sr. Café, realizaremos um festival na "Quinta" da Boa Vista, para o que estamos organizando um programma supimpa.

Lima Barreto.

Apezar dos pezares

Pequenina, pediste-me um soneto,
Fosse ou não fosse embora burilado,
E eu prometti, como inda t'o prometto,
Com amor... com carinho... e com cuidado...

Bem sei que acceitas, mesmo de bom grado,
(Eu já não digo um magistral poemeto!)
As phrases ócas deste mal traçado,
Banal, simplissimo, incolor soneto!

Pois bem, para cumprir minha promessa,
— Sendo a promessa divida divina —
Minha alma ardentemente te confessa:

(E, num soneto, inteira ella se expande)
Que, apezar de t'useres Pequenina,
O meu amor por ti é muito grande!

S. Paulo, Julho, 1917.

Joaquim Tres.

Profissões

Encontram-se numa recepção, o Sr. P., consul geral e encarregado de negocios de certo paiz da Europa, e o Sr. W., joven negociante bem succedido, e conterraneo de P.

O diplomata que antes de entrar para o serviço consular fôra um medico sem clientela, querendo dar-se uma certa importancia ante o seu compatriota, diz-lhe:

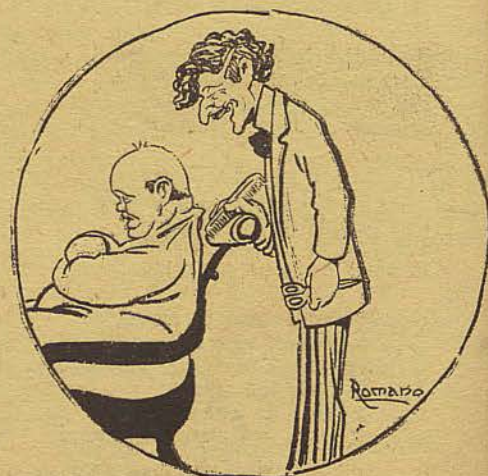
«Um homem capaz sempre terá successo. Veja você como o Engelhardt soube crear-se uma posição! Veio para o Brasil sem vintem; principiou como «garçon» no Hotel dos Estrangeiros e agora é consul da Suecia.»

Sorridente, W. responde-lhe:

«E' verdade. Tambem eu, se um dia as cousas viessem a sahir-me mal, não me importaria de abraçar a carreira diplomatica...»

Friedel (NEO).

Aqui o proverbio acerta



Desse coelho não sae matto.



O GUARDA MARINHA E A BAILARINA

— Então, almirante Gy, como vamos de amores ?
 — De amores ? Já se me foi esse tempo. Hoje sou velho, homem de respeito... Vivo das minhas recordações. O passado é o futuro dos velhos. E a proposito de recordações, vem-me agora uma bem curiosa. Coisas do tempo em que eu era guarda-marinha. Bom tempo, aquelle...



— Mas como foi o caso ?

— Ah ! o caso foi engraçado. Eu estava em Paris. Era mocinho, guarda-marinha, bonitote, oh ! lá isso não ha duvida... Tinha ido d'aqui com licença do ministro, a pretexto de tratamento de saude. Que saude, que nada ! O que me tinha arrastado até Paris fôra uma rapariga, uma dansarina, a Vicentina. Você já ouviu fallar della ?

— Assim, assim...

— Era um peixão. Do meu tempo foi a primeira mulher. Eu tinha por ella um fatacaz dos diabos. E ella por mim, isso é que é a verdade. Emfim, fui a Paris por causa da Vicentina.

— E encontrou-a ?

— Como não havia de encontral-a ? Encontrei-a e foi logo uma lua de mel... Mas o melhor não é isto. O caso é outro.

Eu ia sempre á casa della, casa muito bem montada, ricamente mobiliada. Ella podia manter esse luxo todo, porque estava dansando num daquelles theatros e fazendo verdadeiro furor com as nossas dansas nacionaes. Ganhava dinheiro como agua. Já se vê, pois, que não era eu que lhe pagava o luxo.

— Nem isso seria possivel a um simples guarda-marinha...

— Pois está claro. Afinal, uma noite estava eu á com a Vicentina, ambos recostados num divan,

palestrando e fumando, quando entra pela sala a dentro, com a maior tranquillidade, o almirante Ferreira Chagas, barão da Sapucaia ! Que surpresa ! Que susto, meu amigo ! Encontrou, estendeu-me a mão, beijou a Vicentina, assentou-se e poz-se a palestrar tambem, com a maior familiaridade, como dono da casa ! Eu, que comprehendí tudo num relance, estava sobre brasas. Imagine: eu guarda-



marinha ; elle almirante ; entre nós dois, a Vicentina ! Bruta encrenca !

Decorridos alguns minutos, levantei-me e despedi-me.

— Tambem vou, disse o barão. Vamos juntos !

E despediu-se. Saimos. A noite estava calma. Deviam ser duas horas da manhã. Andando pela calçada, o barão me offereceu um charuto. Era um *gentleman* o barão da Sapucaia.

— Não sabia que o meu joven amigo tambem conhecia a nossa Vicentina.

— Sim, sim, balbuciei. Conheço-a do Rio de Janeiro. Somos até parentes. Como cheguei hontem, vim visital-a.

— Muito bem, mas quer um conselho de homem experiente ? Não gaste, meu amigo, não gaste. O Sr. ainda está muito moço para gastar. Por exemplo: para que lhe deu o Sr. aquelle collar tão caro ?

— Eu ? Não lhe dei collar nenhum, palavra de honra !

— Ah ! não ? Pois olhe, eu suppunha que fosse o Sr. que lh'o tivesse dado. Aliás foi a propria Vicentina que me disse... Veja o amigo como ellas se armam ! Emfim, não foi o sr. que lhe deu o collar ?

— Absolutamente !

— Pois nem eu ! Quer que lhe diga uma coisa ? O sr. faz muito bem em vir aqui ver a Vicentina. Está moço, é um rapagão, faz muito bem...

— Mas, almirante, eu...

— Que, *mas*, que historias, meu amigo ! Faz muito bem ! Olhe: eu quando tive a sua idade fiz a mesma coisa e fui apanhado em flagrante, exactamente como o sr. ainda ha pouco. Faz muito bem. A vida é isso. Agora uma coisa eu lhe garanto: é que algum dia o sr. chegará a ser o que eu sou... em tudo. E si apanhar algum em flagrante, faça como eu...

.....
 O almirante Gy esteve calado alguns instantes, e calado ficaria si eu lhe não perguntasse :

— E a prophecia do barão já se realisou, almirante ?

— Ora, então ! Já se realisou. Ainda hontem...

— E V. Exa. ?

— Segui á risca os conselhos do barão: não fiz nada...



D. QUIXOTE

Um processo novo para acalmar as multidões

Ao Sr. Chefe de Policia e aos seus prestimosos delegados.

Nos ultimos motins, provocados pelo movimento grevista, a policia, na louvavel forma do costume, lançou mão dos violentos processos do chanfalho e da pata de cavallo.



Aliás, em todos os paizes do mundo, com maior ou menor intensidade, tem tido esse processo applicação.

Na Russia e em S. Paulo, tem-se chegado ao extremo da metralhadora, que é summario; na Hespanha, quando ha reuniões anarchistas, soltam-se touros brayos no meio da multidão; e, como todo o toureiro é hespanhol, mas nem todo hespanhol é toureiro, acontece que a incidencia dos chifres taurinos sobre a pelle, seja anarchista ou reaccionario, tem produzido escoriações e traumatismos (dos phisicos) de certa gravidade.

Na Inglaterra, tem-se lançado mão, notadamente contra o terceiro sexo—as suffragistas—, do corpo de Bombeiros. A agua fria tem uma decidida influencia calmante sobre os nervos femininos, mesmo quando elles pertençam a uma *suffragette*.

O discurso, concitando o povo á calma, é quasi sempre inocuo ou contraproducente; é um processo brando de mais para conter a multidão exaltada; surgem os protestos, as vaias, os *fóras*, e autoridade acaba por ir ás do cabo... da força policial; e o peixe espada entra em acção.

Entretanto, ha um meio já muito experimentado entre nós—em casos particulares, bem entendido—com os melhores e mais rapidos effeitos.

Quem já foi a um club carnavalesco, em noite de «baile feérico, sardanapalico, mirabolante, etc.», bem sabe o que succede quando os vapores «d'agua que passaro não bebe» entram a fazer pressão nos embolos cerebraes: todos gritam a um tempo, porque surgiu uma duvida entre dois foliões, por causa de uma foliôna em regra geral; trocam-se soccos e empurrões; sur-

ge um valentão que leva a mão ao bolso trazeiro da calça: a coisa está feia, cheirando a chamusco; fechou-se o tempo!

Nessa altura, o mestre de cerimonias, o membro da directoria que dirige o baile, faz um signal para a banda, e essa ataca um maxixe bem repinicado, o maxixe das grandes occasiões.

E' agua na fervura. O rôlo cessa como por encanto: cae tudo no remelexo do *Morro da Favella*, do *Meu boi morreu*, da *Rolinha, sinhô, sinhô...*

A influencia do maxixe nas explosões da multidão é mais forte que a do quinino na febre. O maxixe faz milagres.

Porque, afinal, o que dá vulto aos conflictos são os curiosos, os commentadores; não ha, seja na praça publica, seja no recinto de um club ou mesmo no parlamento, sinão um reduzidissimo numero de exaltados que se interessam na questão.

São o maxixe; a multidão curiosa e espectante cae na dansa, se não de facto, pelo menos, mentalmente; os nervos começam a remexer, no passo do balão caindo; o conflicto fica reduzido ás suas exactas proporções; ha apenas tres ou quatro que ainda nelle se empenham; e, como é ridiculo lutar ao som de um *corta-jaca* mirabolante, a paz do Senhor volta aos corações.

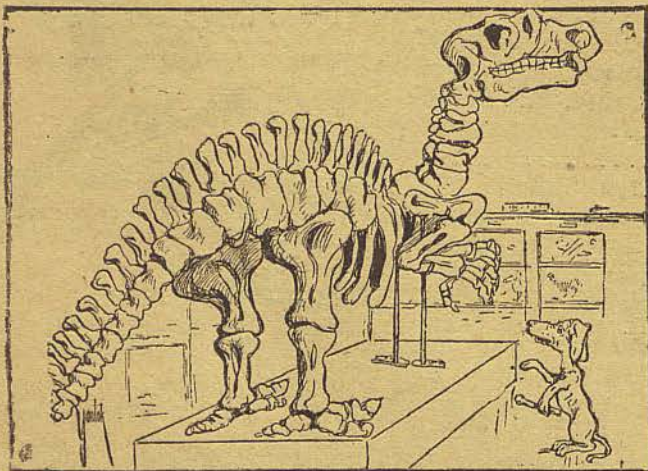
Ahi fica a receita ao Sr. Aurelino Leal. Nas futuras reivindicaciones operarias, nada de chanfalho nem pata de cavallo; dê-lhes com o maxixe em cima; em vez de piquetes de cavallaria mande para a rua as bandas de musica de que dispozer. E nelas não esqueça o *rêco-rêco* e a *matraca* que são, por excellencia, os elementos de convicção nesse pleito incruento e terpsychorico.

Experimente a receita o chefe de Policia e terá conquistado mais um florão de glorias para o seu nome de maior Javert bahiano do mundo!

Le maxixe adoucit les moeurs...



CARESTIA DA VIDA



O CÃO: — Bons tempos em que havia ossos como estes! Não eram esta miçeria de hoje!

AO XANDRE

O facto que o soneto agora narra,
E' o mais calamitoso desta guerra.
E a rima estrugirá numa fanfarra
Maldizendo a desgraça que ella encerra.

Foi quando entrou, pomposo, pela barra
Da formosa bahia desta terra,
O Xandre. E onde elle chega elle se agarra,
Agarrado que está, não se «desferra».

Mas já foi infinita esta pachorra,
Aturamos demais, e basta. Ah! Irra!
Para fóra daqui. Não sae. E zurra...

E' preciso fazer com que elle corra,
Dando ao typo imbecil com quem se embirra,
Uma monumental... issima surra.

Pancho Sança. (NÉO)



Bancos e Cathedras



Gymnasio Pio Americano

Ary de Andrade Figueira Pinheiro



Ary, jovem litterato,
Da *Quinzena* ex-redactor,
Já pensa em ser candidato...
A senador.

Um doido que ainda tem um pouco de juizo

Foi na ulima aula do curso de Medicina Publica, realizada no Hospicio, na quarta-feira passada. O professor Afranio Peixoto, depois da sua preleção habitual, mostrou aos seus alumnos (medicos todos) um caso interessante de um alienado que se tornára criminoso por culpa da sua doença mental.

Ao fim do exame, o desgraçado queixou-se amarguradamente ao mestre que estava alli presô injustamente por isso que não era doido nem soffria de coisa nenhuma, symptomas que até certo ponto confirmavam a sua permanencia alli pois não ha louco que não jure que está são de corpo e alma.

Ao finalizar a sua historia, o infeliz solicitou do professor Afranio a sua protecção, afim de que, ao menos, conseguisse com o Dr. Juliano que lhe melhorassem a *boia* que era infame. E accrescentou: «Come-se aqui uma vez por dia e que comida horrivel; cáe no estomago como se fosse de chumbo; ás 3 horas toma-se um matte, qual matte, seu doutor, qual nada, o matte verdadeiro fica lá no Paraná; o que se bebe aqui é agua suja». Não estivesse o diagnostico confirmado pelo eminente psiquiatra professor Afranio Peixoto e nós, que lá estavamos disfarçados para esta reportagem, reclamariamos do Dr. Juliano, talvez a maior victima de todas as que habitam o Hospicio Nacional.

Galeno.



Faculdade de Direito

Bacharelandos de 1917

OLEGARIO NEIVA

Ha muito, em Nictheroy, vem *praticando*,
Apezar de morar cá deste lado,
Este que vive entre os *balanços*, dando
O balanço final para o noivado.

E' o bello typo de bacharelando,
Na flôr da idade burocratisado,
Que em horas vagas vive solfejando
O dôce nome do seu bem amado.

Tem talento de sobra e envergadura
Para subir, para subir... a serra,
«Se a tanto lhe ajudar força e ventura»...

Inda ha de ser propheta em sua terra,
Contradizendo o sabio da Escriptura,
No bello posto de Auditor de Guerra.

Darcy Fróes da Cruz

«Remos á prôa! voga larga! aguenta!
Olha este bordo! firma esta remada!
Toma cuidado, é nova a palamenta,
Vê lá se dás o prego na chegada!»

Assim brada o Fróesinho. A cousa esquentada,
E o barco vôa, em furia, em disparada...
E a guarnição, murruda e corpulenta,
«Cava p'ro páu, medonha e desvairada!»

Outras vezes, deslisa brandamente
Em braçadas de atleta, mar em fóra,
Vencendo um pareo *roxo*, lindamente.

Mas, no que elle é batuta, é na anecdota...
Basta ouvil-o uma vez e a gente chora
Ante a sua malicia na chacota.

Xiquinho & C.

Faculdade de S. Juridicas



Nelson de Almeida Cardoso

E' nos Correios funcionario activo;
Faz versos de amorosa inspiração.
Versos... Correios... tem por tal motivo
«Taxa divida» á metrificação.

Faculdade de S. Juridicas



Jacintho Teixeira Pinto

E' *Teixeirinha* de gemma
Mas por ser fino, afinal,
Teve a chefia suprema
Da tal commissão central.

Uma aula do Abelardo Lôbo

A base do Direito que estudamos,
assim como a de tudo que é Direito,
existe em Roma! Lá é que encontramos
tudo que neste thema se tem feito...

E, á proporção que nós, seguindo, vamos,
teremos de encontrar, p'ra todo effeito,
a Lei de Origen que manipulamos
e a que rendemos todo o nosso preito...

O amor que eu tenho pelo *romanismo*
leva-me, quasi, para um fanatismo
e eu fico sempre a cogitar, profundo...

Indago, inquirio, fico a pesquisar.
E chego, finalmente, a acreditar
que o *Corpus-Juris* foi *quem* fez o mundo!

THIAGO.

Faculdade de Direito

GALERIA DOS BACHARELANDOS DE 1917

O bacharelando Omar da Cunha julgado por um dos seus collegas:

- Qual o seu character?
- E' de sogra amantissima.
- Qual a sua principal qualidade?
- Não se comprometter nos noivados.
- Qual o seu principal defeito?
- Não talar mal da vida alheia.
- Qual ramo da carreira deverá escolher?
- Politica (que já lhe deu um fato).
- Qual foi o seu tirocinio academico?
- O seu curso foi um sonho roseo.
- Que pensa de seu futuro?
- Acho que será deputado pelo Partido Catholico.

— Qual deverá ser o seu lemma?
— «Util ainda brincando».

M. O.

D. QUIXOTE

CURIOSIDADE POETICA

Os sonetos que abaixo publicamos, de mediocre valor literario, tem, entretanto, uma curiosidade que representa um verdadeiro *tour de force* do seu autor, o poeta pernambucano — Firmino Candido de Figueiredo.

Cada um dos sonetos foi escripto, dispensando respectivamente cada uma das vogaes; assim, ao primeiro falta o A, ao segundo o E, etc.

Experimentem os neo-humoristas se são capazes de poesia identica, em assumpto alegre, já se vê.

Pelo melhor trabalho publicado *D. Quixote* pagará 50\$000.



OUVE-ME !

I

(Sem A)

Si soubesses querer como eu te quero,
Si soffresses por mim o que hei soffrido !
Louco, louco por ti tenho vivido,
Por teus olhos jurei culto sincero !

Desse enlevo febril sedento espero
Cubiçoso porvir enriquecido
Pelos dotes gentis que tens colhido
Nos thesouros do céu, justo e severo.

Vem, oh ! vem, que meu peito se embevece
Nos perfumes de um collo, terno, insonte,
Onde vive o pudor que me enlouquece.

Si és o doce licor de tenue fonte,
Si és um golpe de sol que me entontece
És do cego, sem luz, novo horizonte !

ILLUDIDO

II

(Sem E)

Longos annos vivi martyrisado,
Supportando do amor a tyrannia !
Da illusoria paixão na bastardia
Quanta magua soffri, mudo, calado !

Qual um doido, corri atordoado
Para o abysmo fatal; mas não sabia,
Ignorava a traição, do ardil não via
No sorriso fallaz, um laço armado.

Quando o brilho do olhar da mais formosa
Nos captiva a razão, nos allucina
Incitando a paixão mais cobiçosa,

Nas pupillas transluz chamma divina,
Dos labios coralinos da vaidosa
Um sorriso aprofunda a nossa ruina !

RECORDAÇÃO

III

(Sem I)

E' tão grata a lembrança da alvorada !
Nesses tempos de então, eras pequena ;
Teus olhos negros, negros, côr morena
Breve a bocca, das rosas namorada !

Dessa quadra de amor afortunada
Vem tão doce saudade, tanta pena !
Já não volta, porém, mansa e serena,
A formosa manhã tenue, rosada.

A mente, recordando os teus agrados,
Dos tempos que passaram sem maldade,
Dos tempos que serão sempre lembrados,

Vem mostrar-me o negrume da orphadade,
Vem prender-me com ferros tão pesados
Que eu supporto, gemendo de saudade !



IDEAL

IV

(Sem O)

Quebra a vaga, a gemer, na branca areia,
Leve a brisa se esvae e a tarde desce,
Dentre nuvens se escapa, avulta e cresce
Um gigante perfil de lua cheia.

Em distancia, se escuta alguém que anceia
Num fremente pungir de quem padece !
E' a mareta, que embate e se estremece
A' pedreira brutal que além se alteia !

Na penumbra ideal a vista alcança,
Banhada de um luar quasi de prata,
A paizagem infantil da idade mansa.

Quantas vezes, na mente se retrata,
Em destaque fugaz, terna lembrança
Que um instante acalenta a vida ingrata !

A GARÇA

V

(Sem U)

Pelos ares, lá vae, vae-se librando
Embatendo com azas côr da neve ;
No espanejo veloz, vóa tão leve,
E o celeste infinito vae rasgando.

Em demanda do lar, talvez chorando
De pena, por não ser, não ser mais breve
Esse ethereo caminho, pois não deve
Ao sol posto chegar, e o sol vai brando.

Na extrema do occidente, o mar encobre
Entré as vagas de anil, incendiada,
A effigie do monarcha altivo e nobre.

E, no gozo da paz, inda cançada,
No conchejo do ninho, a garça cobre
Com as azas maternas a prole amada.

D. QUIXOTE

A' Porta do «Bellas-Artes»

— Vocês já viram como o Paixão anda triste?

— E' natural. O Paixão anda com paixão da «Juventas.»

Corre como certo que o pintor José Cordeiro vae deixar em socego... as mangueiras de Bom Successo...

O Jorge instituiu um premio de 500\$000 para o artista que mais se distinguir no «Salon» de 1917.

— Seria melhor que elle não nos cobrasse o café, commenta um *habitué* da porta...

— A D. Sylvia deve ser muito gulosa.

— Porque?

— Gosta tanto de pasteis...

Contra toda a expectativa o Levino Fanzeres não fez exposição este anno.

O que haverá?

O Nogueirinha, o expoente maximo dos nossos criticos de arte, vae instituir um premio para o expositor que maior numero de quadros lhe offerecer.

O premio será um elogio de 1/4 de columna, cheio de illustres genios, intelligentes e outras peças do seu vasto repertorio.

A' postos, pessoal!

Resposta illustrada á illustrada Mlle. Fulaninha



— Não. Mlle. O chapéo de V. Ex. não é modernissimo e sim, antiquerrimo. Foi n'uma salva assim (salvo erro), que apresentaram a Salomé, a cabeça de S. João Baptista depois d'elle ter perdido as duas — a de Salomé e a sua (delle). A moda, porém, inverteu o caso (e a bandeja), apresentando a salva na cabeça de V. Ex. e assim, ficou salva a bandeja.

O «Salon» dos Humoristas, vem ahi. O Poeta Emilio de Menezes vae protestar com o Raul para que o seu corpo não soffra tanto como soffreu no «Salon» do anno passado.

Terra de Senna

— Um talho no rosto? Meu amigo é porque V. quer — Nada disso lhe aconteceria se V. fizesse como eu que me barbeio no Salão Binoculo.

A perfeição e a rapidez são o segredo da sua popularidade.

Uruguayana, canto de Ouvidor.



— Um aperto de occasião? Mas isso, meu caro, é um mal facilmente sanavel.

— Como?

— A Auxiliadora, a rua 7 de Setembro 207, empresta-te, em optimas condições,

qualquer quantia sob penhor de joias, objectos de uzo, automoveis, carros e tudo que represente valor. Telephone — Central 4256.

Negocios de caipira



— Seu coroné, pode levá o cavallo sem susto: elle é meio estovado, mas é bom de redea. Se voss'enhoria montá elle, the garanto que nunca mais anda a pé...

— Homem, nem de moletas?

RIDENDO...

Aos campeões do humorismo

A lyra que tangeis ao gargalhar convida:
tilinta em cada corda o alegre som de um guiso.
Cultivaes da chalaça o effeito que intimida
e o espirito de escól que enflora num sorriso.

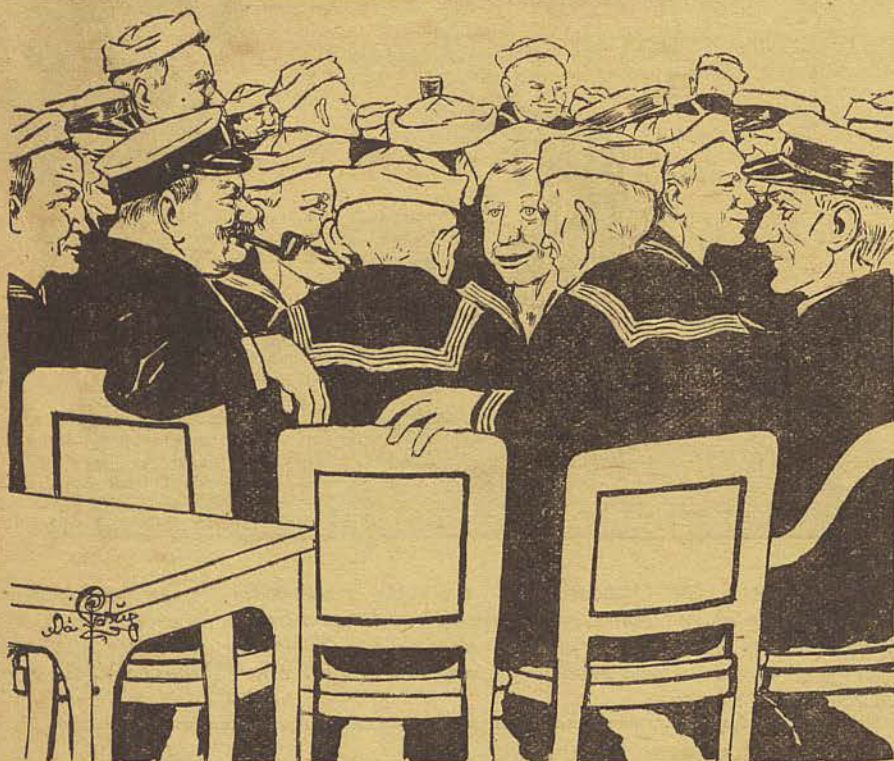
Sois a cura formal, o balsamo á ferida
hypocrita, a sangrar sob a capa do sizo.
Procuraes disfarçar a negra cõr da vida
com a alvura escultural da perola do riso.

Com brilho manejaes a piada que esfusia.
Armados de bom humor, radiantes de heroismo,
temperaes com bom sal os pitéos da pilheria.

Trazendo sempre em riste a lança da ironia,
combateis pela Graça, ao lado do Humorismo,
— que é no mundo afinal a cousa que há mais séria.

Rigoletto. (NEO).

TEMPO DE GUERRA



If the war should be always like this, nothing would be better than war!...

Albuquerque Terribil!...

O Albuquerque Terribil da «secção portuguesa» do *Paiiz*, publicou, a 27 de julho ultimo, na sua columna de petisqueiras, esta «isca de cêvulada» temperada com sapiencia:

«PAUL CAMÕES

Morreu ha pouco, em Versailles, França, Paul Camões, velho professor de economia, que foi um dos mais brilhantes do seu tempo.

O seu «Curso de economia politica», em quatro volumes, completamente esgotado, é das melhores obras com que se honra a sciencia economica moderna.

Morreu com 74 annos de idade e pena foi que não chegasse a actualizar a sua obra, em face das renovações economicas destes terriveis annos de guerra, que têm modificado os principios e os factos em que assentava toda a sciencia economica anterior.

O curioso, porém, para nós não está na sua obra, mas no seu nome. De onde viera ao illustre economista francez esse apellido tão portuguez, o mais portuguez, o mais glorioso de todos?

Por certo que era descendente de portuguezes, descendencia aliás não remota, pois que ainda encrevia esse appellido bem á portugueza, coisa que não succede ao proprio autor dos «Lusiadas», que tem o seu nome escripto em França da seguinte maneira: Camoëns.»

Querem agora saber quem era esse Camões descoberto pelo Xandico? E' simplesmente o economista francez Paul Cawés, tão familiar a qualquer estudante de Direito! Bastou que o telegrapho estropiasse o nome de Cawés para que o illustre «doutor» de Coimbra se mostrasse seu intimo, conhecedor da sua obra, da sua origem, e até amigo de sua excellentissima avó!

Que batata, Alexandre!?...

«D. Quixote tem recusado muitos trabalhos dos neo-humoristas, por trazerem muita pimenta e pouco sal.

(Da Correspondencia)

Na redacção do *D. Quixote*, apresenta-se um dos taes e pergunta:

— E' verdade que os senhores pagam os trabalhos a tres mil réis por cabeça?

— Sendo bom, sim.

— Ora, veja esta anecdotia.

— Não serve. E' porca a bessa.

Taboso. (NEO)



POLITICA começa por um p. E' symbolico. A' semelhança dos homens politicos, essa letra pode ter varias significações, conforme a posição em que é

collocada.

Virando-a da direita para a esquerda é um q; collocando-a de pé é um d; voltando-a para direita é um b. E' o Antonio Carlos do alfabeto.

Esse symbolismo do p é que suggeriu ao Hermes Fontes aquella idéa macabra de descobrir no H do seu nome uma escada e no F uma forca...

Entre Alberto e Catullo

Alberto de Oliveira, o nosso grande poeta, é formado em pharmacia; Catullo da Paixão Cearense faz versos.

Um dia destes, encontrando-se ambos num bonde, disse Catullo a Alberto:

— Como vae, collega?

— Oh! respondeu Alberto, não sabia que o amigo tambem era pharmaceutico!...

Disciplina Militar



— Porque é que vocês não são alegres como nós?

— E' prohibido pelo regulamento: nós só pode ser alegre pelo Carnavã e a paizana.



ESTRELLAS E CANASTROES



ABBADIE FARIA ROSA



Achando assumpto na guerra,
Abbadie a penna impelle...
Rabiscou a Nossa Terra
E diz a todos que é delle.

NO TRIANON

Impressões da... "Terra delles"

Ha dias estava eu tão furioso da vida, por ter perdido no bicho, que, para ver si esquecia a minha triste sorte e me divertia um pouco, cavei dez tostões com um *chauffeur* que não me deve nada, mil e quinhentos com um guarda civil que não me prende porque é meu amigo, e fui á *matinée* do *Trianon* ver a *Terra delles*.

Comprei uma cadeira de alto lá com ella — letra Z, numero 16. A casa estava á *cunha*. Havia mulheres e gente, que era um Deus de catumbias! Sentei-me, tirei o chapéo — porque, num *theatro*, não fico de chapéo na cabeça, nem que me matem — e, como ouvia uma flauta, um violino e um piano roufenho tocar o maxixe *Pelo telephone*, deduzi que o espectáculo não tardaria a começar.

Com effeito, momentos depois a *charanga* calou o bico, um maluco qualquer, lá no palco, pregou um prego no chão com uma força de tres pancadas... finaes, e o panno, eil-o, que vac arriba!

Diante de mim, vi então uma sala muito exquisita mobilada á moda da terra delles — uma mezinha e duas cadeiras á esquerda; encostado a um canto da parede do fundo um sofá; duas poltronas isoladas no meio da casa e um piano velho e quebrado encostado á parede da direita.

Nessa sala estavam a conversar, segundo me pareceu pelo que diziam, o dono e a dona da casa, que eram marido e mulher.

Achei muito natural que elles conversassem. Eram casados; não estavam zangados um com o outro... E é certo é que elles falavam animadamente como que já se conhecissem ha muito tempo.

Um toque de campainha interrompeulhes a palestra. Logo appareceu a criada, uma mulata bahiana, já velhusca, que foi ver quem batia. E' a eterna mania das criadas de servir: quando estão empregadas numa casa, si alguém bate á porta, correm a ver quem é.

Voltou a bahiana e annunciou os visitantes — um allemão muito vermelho, mais parecendo um camarão cozido, e a filha do mesmo, uma portuguezinha loura, filha do Rio Grande do Sul.

Mal entrou, a pequena poz-se a pular no meio da sala e a dar beijos no pae e vivas á noiva.

Fiquei pateta!

Que noiva? Ah! não estava nenhuma...

A pequena maluca reparou nisso tambem e quiz ir buscá-la. Correu até á porta da direita alta, porém estacou diante della. Então, o dono da casa disse-lhe:

— Entra, Elza! Cerimonias logo hoje?...

Mas quaes cerimonias, nem quaes carapuças! Elza não entrara, porque a porta estava fechada. Sem chave, é claro, mas fechadinha como compete a uma porta que se preza. A dona da casa foi empurrá-a devagarinho. A porta abriu-se e a portuguezinha saiu de scena, seguida pela velhota, que a acompanhou, certamente para evitar que ella fosse fazer alguma travessura.

Ficando sós, o allemão vermelho e o dono da casa começaram a discutir sobre politica e sobre coisas da guerra, muito convencidos de que percebiam muito daquillo; até que, de repente, appareceu na sala uma porção de gente. Julgo que foi o calor da discussão que chamou ali todo aquelle pessoal, o qual se poz tambem a discutir. Entre essa gente estava um dou-

elle disse, mas a petiza, com medo de que a orelha lhe doesse, preferiu que elle a levasse pela mão. O inglez fez-lhe a vontade, porque — maroto como todos os inglezes — confessou-se gostar della.

Mas nesta altura deu-se uma coisa engraçada: como a portuguezinha, ao sair, dissesse que o inglez russo era brasileiro, o russo inglez, fazendo-se pardo, gritou que era allemão... e o panno caiu, deixando-me com tão grande vontade de pegar no somno, que, um segundo mais tarde, já eu dormia como quando não estou acordado.

Quando o somno me deixou; abri os olhos — coisa que faço sempre que acordo — e verifiquei que o espectáculo tinha acabado. No *theatro* estava eu sózinho. Era quasi noite. Muito caladinho, levantei-me então, mexi as pernas e fui cavar um nickel para fazer uma fézinha no bicho, pela Garantia,

Seu Coisa.

No Trianon

A proposito de uma vigorosa discussão havida entre o Eduardo Pereira e o Emygdio Campos.

Motte do Eduardo:

Um ovo póde voar...
E o Campos não representa!

Glosa, attribuida á Belmira:

Puz-me, ha dias, a pensar
E pude então conceber
Que, se azas o céo lhe der,
Um ovo póde voar...
Póde até mesmo falar,
Se uma bocca lhe arrebeta;
Póde espirrar pela venta,
Póde rir, póde chorar...
Mas... isso se póde dar
E o Campos não representa!

LEONTINA VIGNAT



Um dia, sem dar por isso,
Toda a carne devorou
Do proprio corpo e ficou
Mais magra do que um canhão!

tor enfraquecido (de frack) que muito se salientou, dando uma porção de berros, quando o allemão vermelho disse que a Alemanha era um polvo (!) uma noção (!!!) Animado por esses berros, um menino de com cara de velhaco tímido ergueu-se tambem nas tamanquinhas e, num gesto solemne de quem sabe que é *trôço*, porque é filho do dono da casa, atirou o allemão pela porta fóra. Creio que o petiz teve medo de que o vermelho da cara do subdito do *kaiser* se transformasse em fogueira e queimasse aquillo tudo.

Posto na rua, o allemão não foi capaz de ficar mais dentro de casa, e os outros todos (á excepção da portuguezinha loura, que ficou a fingir que chorava) chamados pela bahiana, foram jantar, porque, depois de uma discussão calorosa, é sempre bom fazer bem ao estomago, para crear nova dose de energia.

A scena ficou, por isso, em silencio durante alguns segundos.

Por fim, entrou nella um inglez russo, com luvas de couro paulista, que vinha buscar a lourinha por uma orelha. Foi o que

ALVARO DINIZ



Quando, na rua, por elle
Um collega passa, expande
A ironia e diz: — «Aquelle
E' o Christo da Praia Grande.»

FEMINISMO

— Sim, meu amigo, se os leões fossem pintores, o domador não seria o victorioso na tela da barraca de feira...

— Não percebo onde quer V. Ex. chegar...

— Quero dizer que a superioridade dos homens provém do facto de terem sido elles os autores das leis, dos codigos, das religiões...

— Mas qual a vantagem dessa superioridade? não me dirá V. Ex.?

Por ventura será uma grande vantagem essa dos homens, de votarem e serem votados, de conservarem no mundo essa

ficticia soberania que é toda feita de fraquezas e servilismos, mesmo deante da mulher?

— Não senhor. A superioridade dos homens, a unica que eu invejo é a de poderem fumar, publicamente, a hora que querem, os magnificos cigarros York, a esplendida mistura marca Veado.

— Tem razão! Neste ponto as mulheres tem motivos serios para se revoltarem contra o privilegio masculino.



NOVO IMPOSTO

A salvação da patria agora é certa.
Felizmente o paiz bem governado
Caminha ovante, e o dia desejado
De completa fortuna; eil-o, desperta!

Pai nobre, illustre e grande deputado
Que no cerebro tem da luz aberta
Torneira enorme e farta, e d'olho alerta
Vigia sempre o povo esfomeado,

Um colossal projecto, fabuloso,
Dizem que vae, devéras orgulhoso,
Apresentar, feliz, cheio de zélos.

— Impostos vão pagar agulha e linha
E carreteis, dedaes;— não se adivinha
Por que poupa, porém, elle os novellos!...

Telles de Meirelles.

CORRESPONDENCIA

D. QUIXOTE valorisa o bom humor

Por contribuição publicada D. QUIXOTE pagará, a titulo de animação, 3\$000



Rir faz bem.
(Com bom sal).



Graça é dinheiro.
Dinheiro não é graça.



EXPEDIENTE

No intuito salutar de lutar pelo sal e desenvolver o gosto pelo genero alegre entre os nossos jovens literatos, saturados de tristeza e pieguismo, D. Quixote publicará todos os numeros, as contribuições que lhe forem enviadas pelo publico — aneddotas, pequenas historias facetas, satyras, commentarios politicos, sociaes, literarios, etc.—

A escolha dos trabalhos, que fica a juizo do bom senso e do bom gosto de Sanchinho, obedece ao seguinte criterio:

Graça. Originalidade, pelo menos na forma. Ausencia de obscenidade

Por contribuição publicada D. Quixote pagará, a titulo de animação, 3\$000.

Redacção correcta e boa grammatica estão naturalmente subentendidas.

Não serão devolvidos os originaes não publicados, nem se manterá polemica a respeito delles.

Os trabalhos devem ser assignados por um pseudonymo e, em envelope fechado, o nome (ou outro pseudonymo) para identificação do autor.

Temos em nosso poder grande quantidade de contribuições, parte da qual accceita e que publicaremos nos numeros a seguir.

A falta de espaço faz-nos adiar para o proximo numero a resposta a varios dos nossos amigos neo-humoristas.

Os trabalhos dos "neo" sairão destruidos pelas paginas da revista.

D. QUIXOTE espera que cada um cumpra com o seu dever.

Correspondencia

C'EST MOI — Na sua aneddotas «A cauza de uma tristeza» V. falla-nos de um «filho da dona da casa que cantava uma commovente aria de Beethoven».

Era apocrypha, com certeza.

REX -- Coisas velhas, de almanack, meu amigo. Puxe pelo bestunto e mande-nos coisas originaes.

D. QUEIJOTE -- A moça de sua historia perguntou ao rapaz, o Serafim: — isso é começo ou será fim de fita? E elle respondeu á rapariga, a D. Semirame (?) — Se mira-me estou resolvido a atirar-lhe outro bijou.

Imagine-se o Mario Barreto ou o Alfredo Gomes andassem alli por perto!

A outra contribuição consta de uma serie de trocadilhos deste quilate: juraty (juro-te), Quiteria (que teria)...

Vamos mandar ouvir o Raul.

NICO — Aguarde a nossa secção de caricaturas infantis.

MASCARADO — O meu primeiro amor será publicado, emendado aquelle fita-ia que acreditamos ter sido um lapso...

D. PIXOTE — Jús aos 3\$000? Não vé! Pois você escreve "daquellas que dá", "jeito", bôm, etc; alem da redacção que é precaria.

Aliás, melhor redigida as suas historias seriam aproveitadas.

Nesse jogo V. é bem pixote.

HONOR -- Esse da nação como trocadilho é damnado de velho.

ULYSSES SILVA (S. Paulo) -- Onde viu V. ponha e vergonha rimarem com cerimonia?

Que falta de cerimonia com as rimas!

A. LUNA — Fraquinhas umas, velhinhas outras, á cestinha todas. Mas não desanime; foi assim que nós começamos.

FILHO JUNIOR — Idem, na mesma data.

LIZAR — Aproveitada, com retoques.

TROMBUCUDO — O seu soneto não está no nosso genero; alem disso os seus alexandrinos estão errados na maicria; Ex:

«Onde de vez em quando se apruma a estatura»

«O mugir doloroso dalgum touro que vem»

«De quem possa, á disputa tomar o seu bem»

FAS-FORMAS (Santos) — Podem V. e seus amigos ir mandando trabalhos no genero; iniciaremos a secção desde que tenhamos um stock que nos permita destinar-lhe uma pagina semanalmente sem soluçõ de continuidade.

JOAQUIM TREZ (S. Paulo) — Aceito o seu soneto.

P. NEO — V. se queixa mas sem razão. Olhe, veja lá.

Desde os tempos de menino que V. tem desejo de publicar versos

num matulino

E de graça, jornal. Sorte sensata!

Que diabo de sentido tem esse sorte sensata! e esse de graça, jornal (D. Quixote é hebdomadario).

Ess'outro verso:

Um soneto forjado em alexandrino

está errado. Seria preciso fazer de do-*em*-a uma syllaba sól demais um soneto pode ser forjado em alexandrinos (em versos alexandrinos) e não no singular.

E é pena, porque os tercetos estão bons.

MIGUEL SANTOS — Ficamos scientes (e assim fique o publico) que não é V. o Leu Gim a quem respondemos na correspondencia. Mas que quer? A Associação Commercial não tem registro de marcas para pseudonymos.

E' uma lacuna a preencher.

A. BRAZIL — A cruz de ferro está muito longa para os limites da nossa revista e só excepcionalmente publicamos trabalhos da extensão do seu.

VON FABER — Obrigados.

DR. FAR — O seu Consultorio daria para uma secção especial em que houvesse maior numero de consultantes. Em todo o caso, fica no purgatorio.

ANTONIO SOUZA -- A seu soneto Volta foi agora bemvindo.

PROFESSOR A. PITO — O thema, foi largamente explorado e de modo identico, mas mesmo «muito identico», no Filhote da CARETA.

NEPTUNO — A Vingança de Suzette é muito longa e proliza. Mas para que não lamente o papel que fez e o que gastou, como lá diz V. — recommendamos-lhe que não escreva mais:

«Muito embora Suzette lh'o tivesse dito os compromissos que tinha»

«A satisfação com que as mulheres ouvem falar de si.»

Apure a redacção; o seu conto tem algum merito ao lado dessas fraquezas grammaticas.

A. N. — Coisas da Roga muito longa; o Grammatico será publicado com algumas correções.

JERSKSON (Campinas) O Sete e Meio é um soneto em versos alexandrinos e decasyllabos em que ha versos como este

Deixei cair as cartas ao alhar de rezar que não é nem uma coisa, nem outra.

O. Duque Estradeiro.

D. QUIXOTE

Quandos...

Quando um amigo nos faz uma pergunta antecipando-a da expressão — se não é indescrição... — tem a absoluta certeza de que está sendo indiscreto.

Quando um homem obtem todo o dinheiro de que precisa, só uma coisa lhe fica faltando: — mais dinheiro.

Quando uma mulher dá ao seu marido toda a liberdade, é que já tomou para si propria todas as liberdades, inclusive a de enganar-o.

Quando um escriptor fala constantemente de suas proprias obras, é que tem fundados receios de que o publico se esqueça de falar dellas.

Quando se diz a um mendigo que nos pede uma esmola: — «Deus o favoreça», faz-se implicitamente uma censura a Deus que se esqueceu de tomar essa providencia.

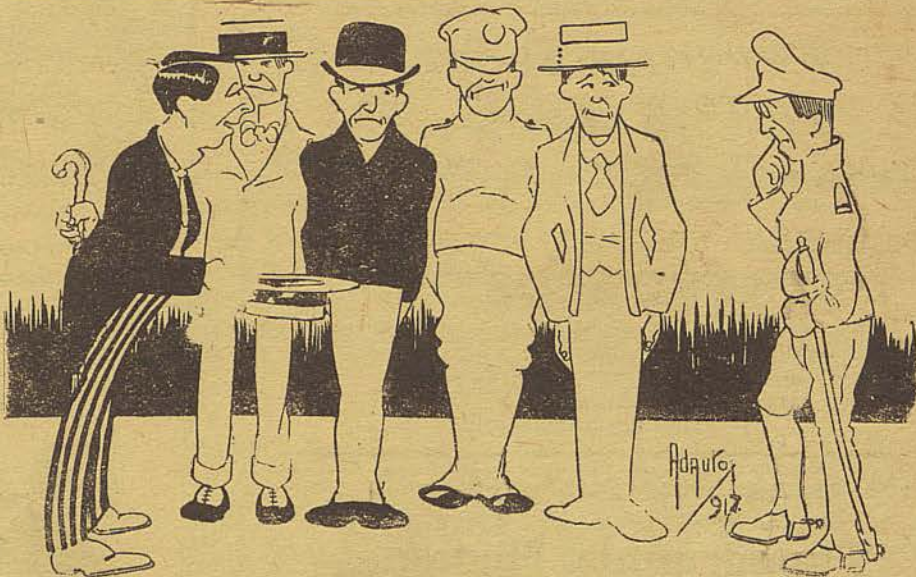
Mal ententu



— Que me diz o sr. do imposto sobre a linha?

— Acho que taxar a linha é encarregar a elegancia nacional.

Voluntarios de manobras



VOLUNTARIO — Então, tenente, teremos que comprar o «mescla» e as «riunas» para um «cumprimento de dever»?

TENENTE — Sim srs. «O Brasil espera que cada um compre o seu dever.»

Vingança

O meu visinho do lado
Esquerdo (louro allemão)
O dia passa grudado
Ao malvado rabecão!

O meu visinho de frente
(Um velhote já caréca)
Nunca deixou a rabéca
Ficar, um dia, silente!

O meu visinho do lado
Direito, Verdi assassina
Tocando, como um damnado,
Uma maldicta ocarina!

Mas, agora, estes trocistas,
Vão ficar (pobres!) insomnes,
Vão deixar de ser artistas...

.....
Já comprei tres gramophones!...

Aglo Oryc. (NÉO)

MUITISSIMO "MERCÍ"

Noticiando o recebimento de um dos nossos numeros, diz o *Messenger de S. Paulo*:

«Rien n'est banal dans cette feuille; tout y est à la fois mordant et espirituel.»

Isso dito assim em francez é gentil como o diabo! não resistimos a vaidosa tentação de transcrever a phrase, com um agradecimento deste tamanho aos nossos illustres e amaveis collegas franco-paulistanos.

Commum capacidade

Cavalheiro cortez, convencidissimo,
Conhecia Camões como cantor!...
Contava, com calor, caraminholas,
Casos curiosos, como caçador...

Conversando com cultos carroceiros
Consagrados conceitos combatia.
Conclusão: commentando Catilina,
Com Cicero Calino confundia!...

Goodyear (NÉO)

Ouvir estrellas

Para estrellas ouvir, vate inspirado
Conta que muita vez pula da cama,
Chega á janella, e pallido, espantado,
Pelas estrellas predilectas chama,

Um colloquio iniciando, extasiado...
E, si alguém ousa duvidar, exclama
O poeta, a sorrir, entusiasmado:
«Queres tu entender estrellas? Ama!

Pois só quem ama ouvil-as e entendel-as
Pode». Mas eu, confesso, julgo tanto
Amor inutil: para ouvir "estrellas"

Basta num theatro ir ter com o bilheteiro,
Entrar, sentar-se e em calma, sem espanto,
Esperar que comece o acto primeiro...

Sem Chupança (NÉO)

D. QUIXOTE

CENTRO TURFISTA

Parames Senna & C.

RUA DO OUVIDOR, 185
TELEPHONE 36 NORTE

Filial: Casa Chantecler □ RUA DO OUVIDOR, 138
Teleph. 2975 Norte

84, RUA URUGUAYANA, 84
CENTRO SPORTIVO

Accetam toda e qualquer aposta sobre corridas de cavallos
e pagam todo e qualquer premio da Loteria
no mesmo dia da extracção

RIO DE JANEIRO

Typographia Nacional

Executa com perfeição e presteza todo e qualquer trabalho
concernente ás artes graphicas

SOARES DE SOUZA & C.

RUA D. MANOEL, 30 — Telephone 4327 Cent.

Collecções do D. QUIXOTE



Avisamos ás pessoas que deseja-
rem colleccionar o D. QUIXOTE que
estão quasi esgotadas as primeiras
ediccões da nossa revista.

Assim, os que quizeram adquirir
numeros atrazados façam-no desde já.

Preço de numero atrazado 300 reis

Rua D. Manoel N. 30

J. A. Rodrigues & C.

Representantes e Importadores

DO EXCELLENTE

Whisky D. C. L.

Depositarios do Pimentão em pó

Colorão Tigre

Bandeira Hespanhola



RUA DO ROSARIO, 92 (ESQUINA DA RUA DA QUITANDA)

CERVEJA FIDALGA

VII série de premios aos seus apreciadores,
a começar de 5 de Agosto de 1917

Correspondendo á alta distincção sempre
crescente que tem merecido do publico, a FI-
DALGA institue uma nova série de premios
aos seus innumerados apreciadores.

O successo das séries anteriores é uma ga-
rantia absoluta da que agora se inicia-se.

Quando abrires uma garrafa de cerveja
FIDALGA examinae a capsula - No seu
interior se encontra um disco de papel - Vêde
se nelle está escripta uma certa importancia em
dinheiro.

10:000\$000 Em premios

2350	premios de	3\$000	.	.	7:050\$000
310	" "	5\$000	,	,	1:550\$000
50	" "	10\$000	,	,	500\$000
6	" "	50\$000	,	,	300\$000
4	" "	100\$000	,	,	400\$000
1	" "	200\$000	,	,	200\$000

10:000\$000

O pagamento dos premios será feito até 30 de
Novembro de 1917 na séde da COM. CERVEJARIA BRAHMA



Mirando a louça de um prato
O entendido logo diz:
E' bom; se custou barato,
Vendeu-o a Casa Muniz.

Vender o que é bom, de certo,
No Commercio é chamariz.
Por isso o freguez esperto
Prefere a Casa Muniz,

Se quizer ter boa louça.
Faça o leitor o que eu fiz:
Outros conselhos não ouça,
Visite a Casa Muniz.

O velhinho disse á moça:
Deus te conserve feliz.
Vivas tanto quanto a louça
Que vende a Casa Muniz

As frutas numa fruteira
Ganham mais bello matiz
Se ella é artigo de primeira
Comprado á casa Muniz.

Caindo, a um tiro no matto
Exclama a pobre perdiz:
Sirvam-me assada, num prato.
Da velha casa Muniz.

RUA DO OUVIDOR, 71

D. QUIXOT

O LOPES

É quem dá a fortuna mais rápida nas loterias e oferece mais vantagens ao publico.

MATRIZ :

RUA DO OUVIDOR, 151

FILIAES :

Rua da Quitanda, 79; rua General Camara, 363; rua 1.º de Março, 53 e Largo do Estacio de Sá, 89.

Nos Estados: S. PAULO, rua São Bento, 15 A — E. DO RIO, Campos, rua Treze de Maio, 51 — Macahé, Avenida R. Barbosa, 123 — Petropolis, Avenida 15 de Novembro, 848.

BIBLIOTHECA POPULAR

Aberta das 11 às 21 horas
NO
LYCEU DE ARTES E OFFICIOS

ACIDO URICO - URICEMIA
CYSTITES - BEXIGA-RINS
RHEUMATISMO - CALCULOS
AREIAS - PYELITIS - UREMIA

ARTHRITISMO

BI-UROLO

SILVA ARAUJO

GRANULADO EFFERVESCENTE Á BASE DE
FOLHAS DE ABACATEIRO.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

Extracções publicas, sob a fiscalização do Governo Federal
às 2 1/2 horas e aos sabbados às 3 horas,
à rua Visconde de Itaborahy 45

Sabbado, 18 de Agosto

50:000\$000 - INTEIRO 8\$000
DECIMOS 800 reals

Sabbado, 25 de Agosto

50:000\$000

Por 4\$000 - Quintos 800

Chamamos a attenção para estes novos premios

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser acompanhados de mais \$700 para o porte do Correio e dirigidos aos agentes geraes, NAZARETH & C., rua do Ouvidor n. 94 caixa n. 827, Teleg. LUSVEL, e a casa F. Guimarães, rua do Rosario n. 71, esquina do becco das Cancellas, Caixa do Correio n. 1.273.

Oleo de fígado de bacalhão homeopatha
O melhor fortificante
Pesai-vos antes e 30 dias depois

MORRHUINA

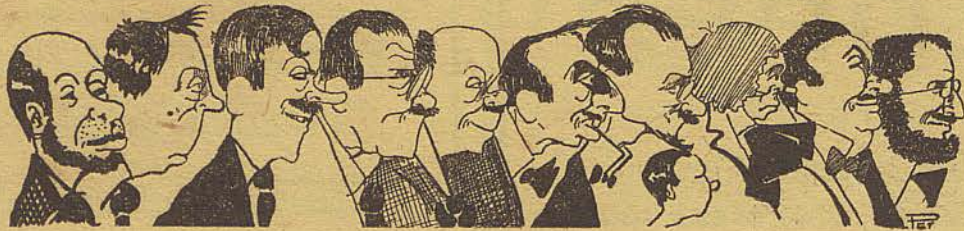


QUITANDA, 106 E OURIVEST 38.

Não ha em todo o paiz
Quem não dê bom attestado.
Do ALLIUM SATIVUM feliz
Que traz um COELHO pintado

Edici. 1904.

D. QUIXOTE



O velho como o moço, o bello e o feio,
O alto e o baixo, o fraco ou o valentão,
O que é magro e o que tem o corpo cheio,
O alegre e o triste, o rico e o pobretão;

Na meninice ou da existencia em meio,
Todos expostos a uma grippe estão,
Se depois dos calores sobreveio
Um dia de humidade e cerração.

Vem a coryza, a tosse, a dor no peito
E o estado geral molle e febril
Convida o corpo a recolher-se ao leito.

Isto era assim ; mas hoje, no Brazil
Já de resfriados ninguem teme o effeito:
Se espirrou, se tossiu, -- tome Bromil !

TOSSE ?... BROMIL